

EXPERIMENTO CÊNICO RESULTADO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
DE LICENCIATURA EM TEATRO DA UFS.

DIZ CALÇA

08 DE ABRIL
DE 2024
ÀS 19H
CENTRO DE
VIVÊNCIA - UFS

CEOMAR Atuação, cenografia, dramaturgia, iluminação,
figurino e maquiagem

LETICIA FRANCO Direção, dramaturgia e produção

ESFRANN Produção e figurino

DISCENTE:
Josimario Cesar (Ceomar)

ORIENTADORA:
Prof. Joana Lavallé





CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS | CECH
DEPARTAMENTO DE TEATRO (DTE)
LICENCIATURA EM TEATRO

**(DIZ)CALÇA: relato da montagem de um experimento cênico sobre
memórias**

JOSIMARIO CESAR SILVA BISPO
Trabalho de Conclusão de Curso II

São Cristóvão/SE
2024

JOSIMARIO CESAR SILVA BISPO

**(DIZ)CALÇA: relato da montagem de um experimento cênico sobre
memórias**

Relatório de TCC II apresentado ao curso
de Teatro da Universidade Federal de
Sergipe – UFS – como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciatura
em Teatro

Orientadora: Dra^a Joana Angélica
Lavallé de Mendonça Silva

São Cristóvão/SE
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE | UFS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS | CECH
DEPARTAMENTO DE TEATRO (DTE)
LICENCIATURA EM TEATRO

(DIZ)CALÇA: Uma montagem teatral a partir das memórias do ator

Profa. Dra^a Joana Angélica Lavallé de Mendonça Silva (Orientadora)

Prof. Gerson Praxedes Silva

Prof. Lucas Wendel Silva Santos

DEDICATÓRIA

Dedico essa conquista e todas as que ainda alcançarei à minha mãe Valdirene Oliveira Silva que nunca duvidou do meu potencial e se dedicou continuamente para que eu chegasse até aqui. “Mainha”, como a chamo de costume, foi minha força e a minha razão todas as vezes que me levantei cedo em um local distante de casa para construir um futuro diferente do que pensaram para mim. Ela é a minha pessoa no mundo e a história de amor mais bonita que eu poderia contar.

Dedico também à “Vovó Maroquinha”, Maria José de Oliveira (*in memoriam*) que é exemplo de bondade e de entrega por todos os que amam. Sua história continuará seguindo comigo em todos os passos da minha vida. Guardarei sempre você comigo, e o nosso amor eu trarei para o mundo em forma de arte.



AGRADECIMENTOS

Das poucas certezas que temos na vida, uma delas é saber que não estou só e não chegaria aqui se não fosse pelo amor.

Agradeço, essencialmente, a Deus por ter sido pai e amigo, nunca me deixando só nessa jornada. Agradeço ao meu pai Josenilson de Brito Bispo e à minha mãe Valdirene Oliveira Silva por terem me dado a vida, mas em especial agradeço à “mainha” por dar sua vida pela minha todos os dias e por me ensinar sobre o amor. Agradeço também a minha avó Maria José de Oliveira (*in memoriam*) que me incentivou na busca pelos meus sonhos e me mostrou o caminho da bondade para seguir.

Agradeço aos meus irmãos Barbara Bettina e Wimbledon Stallone por continuarem sendo os meus companheiros de infância. À minha cunhada Claudiane Alves, por ter sido amiga e um ombro amigo. Minhas sobrinhas Acsa Wallentyna, Mikaelly e Pâmela Maria, vocês são meus presentes. À minha tia Margarete Oliveira e minha prima Pérola Samanta, a toda a família Oliveira e ao povoado Tanque Novo, vocês são a minha base.

Pelas pequenas alegrias da vida adulta e pelos encontros proporcionados pelo destino, há pessoas que foram acalanto nessa jornada. Alana, André, Andrielle, Chirlei, Eduarda, Fran, Felipe, Hélen, Ismayco, Íris, Iza, Ianny, Letícia, Luíza, Júnior, Nataly, Marina, Mateos, Otávio, Pedro, Rebeca, Rauane, Sandy, Shalana, Yasmin, William. O nome de vocês precisa estar nessa obra por todo afeto que me foi dado em forma de abraço.

Uma das coisas mais valiosas que podemos dedicar a alguém é o tempo, e eu sou grato à minha querida orientadora Joana Lavallé, por me inspirar continuamente nesse caminho. Joana foi uma das primeiras professoras que conheci na universidade e esse vínculo continuará sendo lindo após esse trabalho. Sua dedicação, gentileza e paixão pelo que faz são admiráveis.

Gratidão a todos que compõem a banca deste trabalho e aceitaram entrar para minha história. Ao querido Gerson Norse, um grande apaixonado pelo teatro e com quem tanto me identifiquei, sou grato por todos os ensinamentos durante a graduação. Ao professor Lucas Wendel, sua (re)existência é admirável para alguém como eu, obrigado por ser exemplo e esperança. À Christine Arndt, gigante professora que ensina além dos âmbitos acadêmicos, você se tornou uma amiga.

Por me fazer transbordar, gratidão ao Teatro. Esse que me encontrou desde pequeno e nunca mais me largou, andando lado a lado comigo me lembrando diariamente para o que eu vim. Tenho plena certeza que esse é só o início da minha história e que por tudo e todos que me rodeiam, caminho com o amor e em direção à ele.

EPÍGRAFE

*“Vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra viver?
Não sei, não posso saber
Quem segura o dia de amanhã na mão?
Não há quem possa acrescentar um milímetro a cada estação
Então, será tudo em vão? Banal?
Sem razão?
Seria.
Sim, seria se não fosse o amor
O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo
No vínculo de todas as cores dizem que o amor é amarelo
É certo na incerteza
Socorro no meio da correnteza
Tão simples como um grão de areia
Confunde os poderosos a cada momento
Amor é decisão, atitude
Muito mais que sentimento
Além de fogueira amanhecer
O amor perdoa o imperdoável
Resgata dignidade do ser”*

(Emicida, Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastores do Rosário, 2019)

RESUMO

O presente memorial acadêmico objetivou relatar a montagem do experimento cênico *(Diz)calça*, desenvolvido entre o final do ano de 2023 e início do ano de 2024 no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a partir de memórias do ator Josimario Cesar Silva Bispo, em arte Ceomar, como principal meio de criação. Para tanto, são abordadas neste estudo os escritos de relatos da memória, o diário de bordo do laboratório vivenciado durante a pesquisa, a construção dos elementos cênicos, as obras teóricas e artísticas que inspiraram a criação e a dramaturgia desenvolvida. Buscou-se realizar uma reflexão sobre possibilidades de criação teatral através de memórias pessoais do ator/autor.

Palavras-chave: ator; dramaturgia; memória; montagem teatral; processo de criação.

ABSTRACT

The present academic memorial aimed to report on the assembly of the scenic experiment *(Diz)calça*, developed between the end of 2023 and the beginning of 2024 in the Theater Teaching program at the Federal University of Sergipe (UFS), based on memories of actor Josimario Cesar Silva Bispo, in art Ceomar, as the primary means of creation. Therefore, this study addresses the writings of memory reports, the logbook of the laboratory experienced during the research, the construction of scenic elements, the theoretical and artistic works that inspired the creation and the developed dramaturgy. We sought to reflect on possibilities of theatrical creation through the actor/author's personal memories.

Keywords: actor; dramaturgy; memory; theatrical production; creative process.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pessoa que encontrei e inspirou essa obra.....	14
Figura 2 – Imagem do primeiro encontro	25
Figura 3 – Imagem do altar	28
Figura 4 – Figurino Comum.....	39
Figura 5 – Figurino Zona de Expansão	40
Figura 6 – Barbantes enfileirados	41
Figura 7 – Base do figurino Comum	42
Figura 8 – Figurino Sonho	43
Figura 9 – Primeira Maquiagem	44
Figura 10 - Imagem da maquiagem.....	45
Figura 11 – Imagem do Local	50
Figura 12 - Colagem da cenografia	51
Figura 13 -Cartaz (Diz)Calça	52
Figura 14 - Colagem de inspiração.....	61
Figura 15 - Inspiração Ney Matogrosso	62
Figura 16 – Inspiração Carandiru	64
Figura 17 – Inspiração de cenário de Cabaré Coragem	65
Figura 18 – Inspiração A História da Eternidade.....	67
Figura 19 – Inspiração Madame Satã.....	68

SUMÁRIO

A INTRODUÇÃO (DIZ)CALÇA	11
1. DIZERES E MEMÓRIAS	17
2. DIÁRIO DESCALÇO - UM DIÁRIO DE ENCENAÇÃO	22
3. OS ELEMENTOS DIZEM	39
3.1. Figurinos	39
3.2. Maquiagem.....	43
3.3. Trilha sonora.....	46
3.4. Cenografia e iluminação	49
4. (DIZ)CALÇA E SUAS INSPIRAÇÕES	54
5. A DRAMATURGIA (DIZ)CALÇA.....	69
ÚLTIMOS DIZERES	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

A INTRODUÇÃO (DIZ)CALÇA

Meu nome é Josimario Cesar Silva Bispo, escrito dessa maneira, sem acentos, definido por um professor de português do meu ensino fundamental como um nome com erros ortográficos. Mas eu sou fruto de uma homenagem feita pela minha mãe Valdirene Oliveira Silva ao seu primo Josimario Cesar de Oliveira (*in memoriam*) que partiu anos antes do meu nascimento. Ele era conhecido como “Dico” pelos mais próximos, e assim, fui apelidado pelos meus familiares como “Diquinho” durante minha infância.

Sempre senti muito orgulho do meu nome, principalmente por sua história. E dentro do “Josimario”, enxerguei a beleza na divisão “incorreta” das sílabas, eu tinha o “mar” e o “rio” dentro do meu nome. No “Cesar”, eu tenho a primeira sílaba “ce” de “céu”, acrescentei a letra “o” e então se tornou “ceo”. Uni o “céu”, o “mar” e o “rio” do meu nome para me tornar “Ceomar Rio”, abreviando depois apenas para “Ceomar”, meu nome artístico.

Ao falar sobre o antes, reflito neste trabalho sobre o processo pioneiro da minha vida, minha infância. Nasci em 12 de outubro de 2001, morando no interior de Sergipe, povoado Tanque Novo no município de Riachão do Dantas. Por coincidência do destino ou não, nasci no feriado nacional, o dia da Nossa Senhora Aparecida, considerada padroeira do Brasil, como também, o dia 12 é considerado o Dia das Crianças.

Cresci no meio cristão, na igreja Assembleia de Deus - Missão, onde existem corais de música. Inicialmente, participei do coral infantil Cordeirinhos de Cristo, e foi através deste coral que conheci o Teatro. Lembro que minha primeira experiência teatral foi atuar no espetáculo *A ovelhinha perdida*, uma parábola bíblica que era retratada na peça. Atuei na personagem da ovelhinha, minha tarefa era ficar agachado embaixo de um dos bancos de madeira da igreja, caracterizado por roupas brancas e máscara de ovelha. No momento marcado, eu teria que tocar um sino e imitar o som de uma ovelha para que o pastor que cuidava das ovelhas me encontrasse.

A infância é um período em que muitas memórias ficam guardadas em nosso inconsciente, e não conseguimos acessar com facilidade. Mas existem memórias que ficam marcadas. Não esqueço dessa primeira sensação de ser assistido. Fiquei nervoso, não porque iria ser visto, e sim porque queria acertar. Meu principal desejo era que chegasse o horário marcado para imitar o som da ovelhinha e tocar o sino.

Desde então, iniciei minha trajetória no teatro da igreja, participando sempre de todas as apresentações teatrais do grupo de crianças e, posteriormente, na adolescência, avancei para

o Cristo, Liberdade e Vida, coral de jovens. Neste grupo, o teatro não era mais sobre histórias bíblicas, eram críticas morais providas de versículos bíblicos dialogando com assuntos atuais. Após esse período, me tornei o líder do âmbito teatral da igreja, tinha a tarefa de buscar espetáculos teatrais via internet ou de criá-los para serem apresentados nos cultos.

Meu conhecimento teatral obtido nas experiências dentro da igreja e minha facilidade com a atuação foram expandidos para o espaço escolar. Nas gincanas e datas comemorativas do Colégio Estadual Napoleão de Menezes Alves, localizado em Tanque Novo, onde cursei o ensino médio, além de ser o líder da sala, minha principal responsabilidade era preparar o teatro da minha turma. Desenvolvia as funções de diretor, ator, roteirista, dramaturgo, cenógrafo, figurinista e maquiador.

Nós não sabemos qual o caminho que iremos trilhar em nossa vida, mas sempre soube que essa caminhada seria sob, com e pelo teatro. Meu primeiro passo sozinho, fora dos cuidados e conduções da minha mãe, foi entrar no curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) em 2019. Houve uma resistência por parte da minha família, inclusive, de minha. Sua preocupação em construir um futuro promissor com estabilidade financeira falava alto nos conselhos e orientações que me dava sobre o futuro. Mas havia um lado que também falava muito alto dentro dela, ter enxergado em mim a potencialidade de ser ator.

Minha mãe me assistiu no último espetáculo teatral que produzi durante o ensino médio, onde atuei sendo um personagem preto vítima de tortura durante a ditadura militar no Brasil. Aos prantos, ela me disse: “Naquele momento eu te perdia pro mundo”. Ela relatou ter visto que meu caminho não era mais em Tanque Novo e que meu futuro era muito maior do que ela imaginava.

Ainda assim, houve resistência da sua parte no momento de escolha do curso na inscrição para o Sistema de Seleção Unificada (SISU) em 2019. Seu desejo era que eu cursasse Psicologia ou Medicina. Psicologia por ser um curso que ela admirava, Medicina por ser um curso que poderia me garantir estabilidade financeira. Mas me mantive resistente e afirmei não querer fazer outro curso além de Teatro. Dei continuidade na inscrição colocando Licenciatura em Teatro pela UFS como minha primeira opção. Fui aprovado no curso e lá estava minha mãe me acompanhando na universidade para realizar a pré-matrícula institucional. Desde então ela não cessou em me auxiliar nas necessidades existentes ao sair de casa e em todos os suportes acadêmicos.

Ao longo da graduação vivenciei muitos momentos que marcaram essa jornada, mas há um deles que foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

Em novembro de 2022 realizei uma viagem para a cidade de Salvador - BA, onde aconteceu um evento enaltecendo a cultura preta, o festival Afropunk. O festival foi realizado em dois dias, sábado (26/11/2022) e domingo (27/11/2022). Cheguei em Salvador na sexta-feira, pois junto com o interesse no festival, também queria conhecer a cidade, suas belezas e sua cultura, cidade essa que só havia visitado na infância. Estava acompanhado de quatro amigos e a pessoa com quem namorava naquela época. Éramos seis, ao todo. Um grupo de jovens sergipanos curiosos em conhecer a linda cidade de Salvador, cheia de belezas, de cultura e de diversidade. Passeamos por alguns pontos turísticos entre a sexta e o domingo.

Foi justamente nesse último dia, o domingo, que fomos abordados por um alguém que marcou nossa viagem. Estávamos visitando o Elevador Lacerda, um dos principais pontos turísticos da capital e que permite o acesso da Cidade Baixa para a Cidade Alta e o centro histórico pagando apenas alguns centavos. Após sair do elevador, nos deparamos com a praça Tomé de Souza, podendo visualizar toda a cidade baixa de Salvador, a beleza da sua estrutura, de suas praias e de toda a paisagem. A praça contém uma estrutura antiga, a estátua de Tomé de Souza, o nome da cidade grande e personalizado em evidência para os turistas. Já tínhamos tirado várias fotos e vídeos entre amigos, de casal e individuais. Éramos um grupo de amigos muito elétricos, animados, não dispensamos uma risada ou uma boa piada, estávamos vivendo momentos felizes que jamais esqueceremos. De repente, no meio de toda aquela beleza na paisagem, nas pinturas, na estrutura, nas pessoas, surge um alguém que calou o nosso riso, é possível visualizá-la na figura a seguir.

Figura 1 – Pessoa que encontrei e inspirou essa obra



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2022)

Esse ou essa, homem ou mulher, menino ou menina, fêmea ou macho, não sabíamos ao certo como esse alguém se identificava. É por isso que nesses escritos irei me referir sempre ao termo “pessoa”, utilizando o pronome “ela”, mas isso não era o mais importante. O que interessava de verdade era o contraste entre a fala e o corpo, a divergência entre a palavra dita e o corpo silenciado. Meu olhar agora não era mais sobre a diversão dessa viagem. A sensibilidade que o teatro me proporcionou ao olhar o outro foi atingida pela dualidade que se mostrava diante dos meus olhos. Uma pessoa que se vestia com um vestido simples de corte reto e mangas curtas, com estampas coloridas que cobria um short curto jeans que só vínhamos a borda. Um turbante verde exército que cobria seu pouco cabelo, se é que tinha. Sua maquiagem rosa já gasta, porém presente, batom, sombra, blush. Um colar do Olodum no pescoço. E um detalhe importante, essa pessoa estava descalça.

Ela começou a proferir falar positivas, lembro bem que nos dizia para sermos felizes tanto quanto ela, lembro que dizia que o mais importante da vida era sorrir, que não podíamos abaixar nossa cabeça, que o mais importante de tudo éramos estarmos nós seis ali juntos, que aquela junção era a coisa mais bonita que podíamos ter e que a vida é isso. O mais contrastante

é que enquanto ela falava sobre alegria, ela não ria com o corpo, ela não demonstrava ser feliz em nenhuma parte dos seus traços. Todos nós que tínhamos um riso tão fácil, que facilmente poderíamos gargalhar com aquela figura, nos calamos. Aquele corpo falava muito mais que o que saía da sua boca.

Estávamos nós seis enfileirados um ao lado do outro formando uma meia lua, enquanto ela ficava em frente e falava fazendo movimentações corporais e faciais como se estivesse numa performance, sempre muito expressivas e exageradas. Ela dominava todo o espaço que havia à nossa frente. Tudo o que ela dizia nunca tinha fim, como se tivesse decorado aquelas teorias sobre a beleza da vida.

Lembro de olhar para meus amigos ao meu redor e pensar “qual o motivo de não rirmos?”, e ao voltar meu olhar para ela, meu foco se voltava sempre para a deterioração daquele corpo. Dos dentes apodrecidos por trás do batom, o corpo repleto de manchas roxas por trás do vestido de estampa, o movimento do caminhar nos pés como se estivesse com salto, mas na verdade ela estava descalça.

Esse encontro aconteceu quando jamais pude imaginar ser tocado emocionalmente no meio de uma viagem à passeio. Pareceu ter ocorrido como um descompasso na beleza de toda aquela viagem. A partir daí, me sobreveio a curiosidade de construir uma personagem a partir desse momento. Todas as perguntas que ficaram em minha mente após esse dia, busquei destrinchar através da arte usando a memória pessoal, intercalando o que sou e o que aquela pessoa foi ou poderia ser através das semelhanças e diferenças que havia entre nós. Pois naquele momento eu não vi aquela pessoa como algo distante, foi um olhar de dentro pra fora e de fora pra dentro.

Busquei nesse processo de criação causar no público o que senti, a alegria e a dor da realidade, o contraponto entre a beleza do que estava sendo falado e a dor daquele corpo. Com foco em montar um experimento cênico que não se distancie do que está próximo de todos nós, seres humanos e nossas dores pessoais, pretendi investigar possibilidades para o ator/autor.

O objetivo geral deste projeto foi relatar a montagem do experimento cênico (Diz)calça a partir da memória do ator/autor. Para tal finalidade, busquei registrar os escritos das memórias utilizadas para a montagem, apresentar o diário de bordo desenvolvido no laboratório prático, evidenciar a construção dos elementos cênicos, descrever as inspirações teóricas e visuais para a montagem e a escrita, e transcrever a dramaturgia criada para o experimento cênico.

Como estrutura deste memorial, no capítulo *Dizeres e memórias* expus meus relatos de memória utilizados para o desenvolvimento da encenação. No capítulo *Diário Descalço*, descrevi em um diário de bordo o processo gradativo da montagem. No capítulo *Os elementos*

dizem, apresentei o processo de criação dos elementos cênicos: os figurinos, a maquiagem, a cenografia, a iluminação e a trilha sonora. No capítulo *(Diz)calça e suas inspirações*, abordei os fundamentos para a montagem teatral e para a escrita deste memorial. Por fim, no capítulo *A dramaturgia (Diz)calça* transcrevi a dramaturgia e o roteiro do experimento cênico.

1. DIZERES E MEMÓRIAS

Os escritos das memórias trazidas para a encenação são expostos neste capítulo, realizados antes e durante o laboratório prático da montagem, onde construí a personagem, desenvolvi a dramaturgia e se fundiram os elementos cênicos de *(Diz)calça*. Escrevo o que me sobreveio ao pensar na personagem e a partir de provocações à lembrança durante o período de pesquisa. Foi de suma importância traduzir em escrita imagens da infância e perceber como cada uma se tornou poesia.

Escrito 1 - Cotidiano

Sobreviver é difícil. Viver é um privilégio! Viver é para poucos, sobreviver é para alguns vários, morrer em vida é que é muitos. Você já se perguntou sobre o que é morrer?

Para muitos, esse termo tem haver com cemitério, sepultura, enterro, caixão, flores. Para mim, morrer é ser esquecido, é não existir em lugar nenhum.

Existem pessoas que não existem, que passam pela vida despercebidas.

Nesse momento eu tô existindo porque alguém me escuta, alguém me vê. Mas a maior parte do meu tempo eu não existo em lugar nenhum.

Não há território, não há caminho, não há olhos, nem ouvidos, nem coração, mente ou muito menos memória em que eu possa existir.

Escrito 2 - Amor

Como é brincar de amar?

Como é ser amado?

Qual sua melhor experiência com o amor?

Há quem diga que se pode amar de diversas maneiras, que amores são diferentes. Há quem diga que o amor é um só, uma única vez. Há quem diga que são várias vezes, há quem diga que é infinito. Há quem diga que o amor é necessário, há quem não o queira perto. Há quem vive por conta do amor, há quem morreu por conta dele. Há quem diga que o amor acaba, há quem não diga nada.

Eu digo que amei.

Escrito 3 -Mancha

Vagner, 22 anos, olhos verdes. Um carro Celta preto no caminho de casa às 20h38 da noite, Vagner me olha e fala “Oi, como é seu nome?”, me chama pra se aproximar, eu me aproximo, chego lá e ele teve a audácia de acariciar a minha mão. Eu me embolei igual essa fumaça. Ele me levou pro fundo do carro, e eu disse “não, não vai acontecer nada”. E foi ali mesmo. Eu lembro que a única coisa ruim disso tudo foi o meu short, era bonito, xadrez, branco, com listras vermelhas e azuis pequenas, quase apagadas, e sujou de sangue, sujou de sangue, sujou de sangue.

E continuou sendo assim, não foi como me falaram não. E só melhorou quando eu fiz a suruba no banheiro 18, lá na praça da feira. Caralho, foi muito bom! Quando eu sonhava em casar, eu não pensava que teria tanto prazer em dar.

Vestido com véu branco, idealizando a minha mãe ao meu lado, véu, vestido, o céu, o pôr do sol.

Que ideologia mais tola! O que acontece mesmo é o escuro, às 23:58, foi o caso com João que se findou junto com a minha esperança.

Quando você me disse que ficaria, diferente de mim mesmo que partir de mim, muito antes de ter me encontrado, eu acreditei como um corredor acredita na força das suas pernas. Eu fui seguindo cada passo aceleradamente, e até mesmo sem mesmo. E como era bom não sentir medo ao seu lado. Na verdade, eu não sentia medo ao seu lado, eu não sentia medo justamente por estar ao seu lado.

Bobagem, acendi meu cigarro. Tá tudo bem. Corta pra outro assunto.

Escrito 4 - Sonho

Por que ninguém me avisou sobre o amor? Por que não me falaram mais cedo que ele era uma roupa que eu nunca vestiria?

A inocência da Bixa pode jogá-la no esgoto. Foi assim que aos meus 14 quando entrei no fundo do carro dizendo “olha, eu sou virgem hein, vai rolar nada”, bobinha. Uma puta de uma pica grande, me entreguei toda. Vagner, o nome dele, devia ter o dobro da minha idade, um

pouquinho mais. Mas engraçado, ele tinha espinhas iguais às de “xiii”, não pode falar, “sigilo” vamos chamá-lo de Bill.

Bill foi minha primeira paixão, onde tive meu mais ingênuo desejo. Vocês acreditam que eu queria ser mãe? Fico imaginando como que a criança ia sair pelo meu fundo. Às vezes queria olhar pro meu eu infantil e falar “neurótico”. Pelo menos eu não acreditava em galãs, no mínimo.

Mas voltando ao assunto, foi até lindo o mês que vivi minha paixão de 7 anos por Bill. A gente trocou cartas, eu sentava com minha coxa colada na dele.

Ele já estava com uma calça jeans rasgada, e eu fazia carinho na pele dele, na parte onde tava rasgada. Pobre “nome”, nem imaginava que estaria ali se deparando com o meu destino, o sigilo, o secreto, às vezes.

Eu combino mais com o fundo de um carro, com a noite. Eu combino com o final da dose de Pitu, não com a risada antes do vinho. Chega, chega, vocês não podem desacreditar no amor.

Bill morreu antes mesmo de eu ter meu primeiro relacionamento sério.

Minha mãe morreu antes de me levar pro altar.

Minha mãe morreu antes de me levar pro altar.

Minha mãe morreu antes de me levar pro altar.

Lembro da frase que minha irmã mais me dizia : “É preciso sonhar alto para alcançar pelo menos um pouco”. Sonhei com um grande casamento para poder alcançar uma grande e gostosa suruba.

Ainda lembro da sensação que tive no caminho de casa após minha primeira dada no carro. Minha bunda folgada, o escuro, o frio. E por mais que eu estivesse quente, importante e protegida no carro, nos finais, aquela sensação voltaria. Mas nunca imaginei que seria permanente como está sendo agora. Por mais que eu me sinta forte, potente, gostoso, único, visceral, jovem, vivo, desejado, dominado, entregue, tesudo, nunca, nunca, em hipótese alguma, amado.

Parem, nem me venham com “há , mas eu já amei, já fui amado, tô namorando, sou casado”, não estou num grupo de autoajuda onde cada um conta sua história triste. Estou contando a minha, que é triste, mas minha.

Nem era assim o vestido que eu queria, era grande, branco, acinturado. Minha mãe do meu lado, uma música de Caetano de fundo, uma feliz, com a voz de Mari, minha doce amiga cantora. Tenho certeza que ela ia cantar sorrindo quando me visse entrando.

Eu tenho o *playback*, pere. Vamos ensaiar, vocês me ajudam?

Bora no três, dois, um.

Agora tem que ser doce, igual Mari.

Três..

Dois..

Um..

Vamos, doce, leve, sorrindo, igual um poema.

Não é verdade, não é? Nem vai ser. Tá bom, já entendi.

Escrito 5 - Comida

Fome teve minha mãe quando me carregava no ventre. Disse ela que foi um dos piores momentos, passar fome carregando um ser que ama consigo. Fome teve minha avó nas vezes que foi abandonada por seu pai ao casar com meu avô, ou quando foi abandonada por meu avô para casar com outra. Mas agora eu não vou falar sobre ter fome, mas sim sobre uma vez que não a tive.

Sentado em cadeiras plásticas da recepção do hospital, segurando a mão enrugada da minha avó, esperando minha mãe sair de dentro da sala com a pior notícia da minha vida, descobrir o câncer dessa que eu segurava a mão. Lembro de olhar pra ela com ternura, de perceber o olhar dela inocente e generoso para as pessoas daquele local, quase como se oferecesse ajuda.

Minha avó tinha entre seus pertences guardados na sua bolsa, uma vasilha com uvas, lanche que minha família tinha mandado para um momento de fome, se acontecesse. Depois de uma

longa viagem e uma tarde de espera, era óbvia a necessidade de comer. Ela olhou para mim e disse: “Meu fio, pegue essa vasilha dentro da bolsa. Tem umas uvas aí dentro, coma, você precisa comer. Eu não estou com fome”.

Deixar de comer para dar o que comer foi uma atitude que acompanhou minha avó durante toda a sua vida. Parecia quase uma tarefa se doar assim pro outro, quase como um objetivo de vida.

Gostaria de hoje retribuir um pouco de tudo o que ela fez. Gostaria de alcançar melhores lugares para colocar ela. Desde sua partida, tenho como foco levar o nome de Maria José de Oliveira por onde for. Quero contar sobre esse amor.

Escrito 6 - Casa

Casa é sinônimo de conforto, de doação, de pertencimento. Se sentir parte de um lugar ou alguém. Já tive diversas casas que construí em meu coração ao encontrar pessoas que amei. Algumas pessoas constroem e cuidam da casa, outras destroem.

Por falar em casa, lembro da minha principal e mais firme. Meu melhor lado, a mais bela história que eu poderia contar, a mais pura e singela verdade que tenho.

O amor tem a beleza da entrega, de se doar para alguém com a alegria do cuidado com o outro. Amar sem precisar dizer que ama, mas dizendo constantemente na atitude do fazer. Acolher e abraçar muito mais do que o braço pode ir, mas colocando o corpo inteiro para chegar.

Entre um local de muitos traumas e desconfortos, de medo, solidão e distância, fui alimentado de amor pelas duas mulheres mais ricas que já conheci. Sem muito dinheiro para me dar, mas cheias de uma riqueza interior que será válida para minha vida inteira. Um amor passado de geração em geração e sou nutrido por essa ternura. De minha avó para minha mãe, de minha mãe para mim. Três gerações de amor com entrega, sinto orgulho de espalhar minha história em cada pessoa que encontro.

2. DIÁRIO DESCALÇO - UM DIÁRIO DE ENCENAÇÃO

Primeiro encontro - 26/01/2024

Hoje aconteceu o primeiro encontro com Letícia Franco. O primeiro laboratório dessa experiência. Havia sido um dia muito corrido, uma sexta-feira, trabalhei pela manhã na Universidade e cheguei em casa por volta das 13:40. Nosso encontro estava marcado para as 14:00. Pensei em tomar um banho para iniciar esse encontro, mas testei algo diferente. Essa personagem quase nunca ou nunca está limpa, então continuei como estava, suado e até mesmo cansado. Estava com medo de não conseguir desenvolver muito, mas havia dentro de mim um entusiasmo em encontrar essa personagem que já era tão próxima de mim durante todo esse processo de resgate, escrita, memória e construção.

Fechei a janela, coloquei algumas músicas da cantora Billie Holiday, vesti uma bermuda preta de pano leve e uma camisa também preta e muito grande, uma das ideias de figurino para a personagem. Antes mesmo que Letícia chegasse, comecei a me alongar e aquecer o corpo, fiz exercícios de alongamento importantes para a liberdade e segurança na movimentação do corpo. Dancei um pouco, suei um pouco mais, estava calor, e com as janelas fechadas, não ventilava. Poucos minutos depois Letícia chegou, e, no primeiro momento começamos a conversar sobre as propostas e ideias da personagem, queria que ela entendesse com maior profundidade as características dessa persona. Falei sobre alguns relatos escritos e mostrei pra ela, também falei sobre propostas de cenas e sobre os figurinos.

Após todo esse diálogo introdutório, fomos para o segundo momento. Ela iniciou me dizendo para deitar no chão e focar em meu corpo, desacelerar minha respiração e tirar todas as tensões, fez algumas movimentações em meu corpo guiadas por uma linha imaginária. Agora, ao falar a palavra “machuca” eu teria que reagir a toques aleatórios de Letícia em meu corpo, essas falas teriam que sair com nuances de acordo com os locais onde era mais possível machucar nessa personagem. Os toques se iniciaram nas pernas e eu, ainda tímido cenicamente, liberei as palavras com pouca força. Mas os toques começaram a ser mais agressivos interiormente, pois minha memória trazia à tona o corpo da pessoa que encontrei em Salvador. O “machuca” foi saindo mais forte, e junto com ele, minha voz passou a tremer, a dor foi sendo sentida dentro, eu realmente enxerguei meu corpo vulnerável. Nessa mistura entre a personagem e eu, ao ser tocado no peito, chorei e gritei essa palavra com maior força. A partir daí, comecei a não só imaginar a vulnerabilidade da personagem em que projetei todo esse tempo, agora eu sentia esse corpo exposto. Na segunda parte desse momento as palavras não

poderiam mais ser ditas, dessa vez era o corpo quem iria reagir aos toques. Foi difícil para o meu eu pessoal, nunca fui alguém de reagir aos ataques da vida, nunca fui agressivo, nunca me defendi atacando. Mas neste momento não era só eu, eram as possibilidades do meu eu ator, da necessidade que a rua trazia para a principal inspiração dessa obra. Após muitas reações, um tempo no silêncio do espaço com lágrimas.

Essa personagem não demonstra sua fragilidade, então, nesse momento fui indicado agora a tornar essa dor em amor por ela mesmo, e foi aí onde ela veio, foi penetrando de forma natural, no decorrer dos movimentos, nos dedos, nas mãos, nos braços, nas pernas, no suor, nos beijos no corpo, na improvisação natural em se acariciar, e enfim, na risada que aconteceu e ficou. Uma risada mentirosa e verdadeira que tomou espaço dessas movimentações. Aí então, Letícia refez os toques em meu corpo, mas, dessa vez, não doía, dessa vez eu sentia prazer e gemia. Quase gozava com a voz e com o corpo a cada toque. Os momentos do prazer e da dor se parecem, meu corpo até tinha movimentações iguais às anteriores, é loucura observar como duas coisas diferentes se parecem tanto. Com todas essas expressões, gemidos e risadas, a personagem se estabeleceu e mesmo que algo chegasse para me distrair, era só necessário acariciar com as duas mãos a mesma orelha e a única abaixo da orelha para que ela e ele voltassem. Em um momento, a personagem foi incentivada a cantar a música que estava tocando, “Preciso me encontrar - Cartola”. Aproveitei esse momento para testar vozes ao cantar, aguda e grave, mas logo logo a música acabou. E enquanto Letícia ia buscar água para partirmos pro segundo momento a personagem começou a falar:

“Foi rápido, acabou rápido. Foi rapidinho a música. Acabou acabando. Foi pouquinho e acabou.”

Em uma mistura entre eu e a personagem, choramos. Pensamos nessa vida que poderia passar tão rápido e depressa. Na rapidez das coisas, na felicidade que vai embora rápido. Foi um momento íntimo e de encontro entre ele e eu.

No terceiro momento fomos para uma entrevista, Letícia e ele conversando de forma improvisada sobre sua vida e sobre suas experiências. Foi desconfortável para mim atuar e improvisar em frente a uma amiga pessoal, olhar nos olhos dela e a convencer de que não era eu. Mas realmente não era mais eu, Bell já tinha iniciado essa conversa. De acordo com as provocações que Letícia foi fazendo como “Me fale sobre uma pessoa”, “Me fale sobre uma lembrança sua”, “Como foi a sua primeira vez?”, ela foi respondendo trazendo alguns relatos pessoais que eu já tinha escrito, como também trouxe novos relatos. Contou sobre a perda da virgindade, sobre a primeira paixão e sobre um caso sexual.

Nesse momento, assim como Letícia me conduzia, ela também era a espectadora dessa personagem. Ela gargalhou muitas vezes com as respostas, mas também chorou. Chorou enquanto a personagem estava rindo. Essa foi uma das coisas mais importantes desse laboratório. Uma espectadora chora enquanto a personagem rir. Enxergar a vulnerabilidade na risada, isso que enxerguei no encontro em Salvador.

Em um dos momentos dessa entrevista, a personagem refletiu sobre os amores, sobre idas e vindas no amor e pediu para fazer uma demonstração. Fez uma caminhada que mostrava a expectativa de uma pessoa sobre um amor e frustração depois. Disse:

“Uma pessoa vem pura e aí conhece o primeiro amor, e aí se entrega por inteiro. Daí esse amor machuca ela, e então ela fica com medo, mas vai pro segundo amor ainda com esperança. Chegando lá ela se entrega e aí esse amor machuca. Depois ela vai pro outro amor com mais medo, quase não indo, mas vai. Ela se entrega e esse amor machuca. Dessa vez ela já vai de costas porque já não quer mais amar, ela só vai. Eu acho que é isso que acontece com quase todo mundo.”

Um dos momentos mais íntimos dela nessa entrevista foi quando falou sobre sua mãe, sobre a força e o amor da mãe. Foi um momento de choro entre a personagem, eu e Letícia.

“Eu não traria minha mãe pra cá, eu queria ela comigo, mas não aqui. Aqui é só pra mim, aqui ela ia se machucar.”

Para mim, esse foi um dos momentos mais fortes. Porque naturalmente ela falou que aquele lugar machucava. Por mais que isso tenha sido escondido durante toda a entrevista, ao falar sobre a mãe, saiu. Ela não aguentaria imaginar ver a mãe vivenciando a rua, vivendo a sua vida.

O último momento desse encontro foi uma escrita criativa. A personagem teria que escrever uma carta para um fã, alguém que já assistiu ele se apresentar na rua. Uma conversa escrita mostrando o lado mais belo dessa pessoa, o lado artístico, a risada verdadeira. A carta diz:

“Hello meu bem, aqui quem vos fala é Bell. Quero te falar sobre mim, e olha, é pra pouquinhos.

Quando estou a me apresentar, quero que veja apenas o que eu lhe mostrar.

Quero que ao redor tudo fique escuro para que eu brilhe.

Quando eu botar meu batom vermelho de Marilyn Monroe, você me verá por sob as lentes.

Serei vista!

Serei visto!

Abra os olhos pra mim ver e ver além do que se está acostumado.
Consegue ver? Consegue perceber? Nem todo mundo percebe.
Se você escolheu ser meu fã é porque há um propósito. Você deve ter algo além.
Não consigo imaginar que alguém seja meu fã.
Se abrace!
Goze!
Viva!”

Figura 2 – Imagem do primeiro encontro



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

Finalizo esse laboratório com esperança e com mais vontade de conhecer essa personagem. De imprimir ele e o levar pro mundo. Quero que esse homem/mulher seja levado pelo mundo. Suar e sentir o meu corpo suado por essa experiência é como sentir que esse personagem já existe.

Durante a semana após esse encontro fiquei pensativo sobre essa personagem relacionada à lembranças importantes do encontro em Salvador. Ao assistir os vídeos observei

movimentos muito tímidos ainda, pequenos, contidos no corpo. E essas características são o oposto dessa personagem. Então coloquei como objetivo trabalhar melhor essas movimentações no próximo laboratório. Entendi também a necessidade de uma diferença mais nítida entre o corpo cotidiano de Bell e o corpo artístico, quando canta e se apresenta.

Segundo encontro - 02/02/2024

Para esse novo laboratório com Letícia trouxe novas coisas, alguns recolhidos no meio da semana referentes ao figurino, indumentária e objetos significativos para Bell.

Dois brincos e uma corrente muito chamativos, com pedras e bolas grandes, que trazem o exagero, a expressividade, a necessidade de aparecer. A maquiagem ainda pouca continha um batom vermelho, uma paleta de sombras com tons avermelhados e outra com tons esverdeados, nessa tinha brilho, e um pó compacto quase no fim. Letícia cedeu essas maquiagens, e no meio dos seus pertences estavam dois pós compactos, um cheio e um quase no fim, escolhi a segunda opção, pois sei que significaria pra personagem. Comprei um vestido branco fino de seda em um brechó, pensando no vestido de noiva que ele tanto queria e em um dos figurinos desse show.

Sugeri nesse laboratório que Bell estivesse com um pano cobrindo sua cabeça. A pessoa que nos apareceu em Salvador tinha um turbante amarrado, mas não trouxe o turbante pra essa personagem pois tenho o objetivo de deixar o tom da dúvida de gênero ainda maior. Pensei em um pano fino que pudesse ficar amarrado cobrindo todo o cabelo e no formato de um rabo de cavalo na nuca. Mas, neste momento não tinha esse pano, usei minha touca de cetim preta. Tirei o short, vesti uma camisa grande e larga e fiquei de cueca na parte de baixo. Vi a personagem ainda mais próxima de mim, quase que em mim, mas sem as características corporais exageradas não podia ser ela ainda.

Mais uma vez, antes de Letícia, a diretora dessa montagem, chegasse, comecei o aquecimento com exercícios de alongamento, música e dança. Já pensando nas movimentações mais exageradas, testei a oposição entre os músculos, a amplitude, o domínio de todo o espaço com o corpo. Movimentos lentos e rápidos, suaves e agressivos.

Letícia começou a guiar esse encontro me convidando para o espelho, e dessa vez não tive nenhuma preparação com ela que fosse trazendo a personagem, já fui desafiado a atuar daquela forma, não foi crescente, foi desafiador. Mas eu conheço a história de Bell, eu conheço suas melhores e mais específicas movimentações, e por mais que eu costume ser um ator que trás o personagem aos poucos com processos, aprendi, nesse desafio, encontrar com maior facilidade a personagem.

Fui provocado a ir para um local de imaginação. Imaginar vivenciando como foi a primeira vez do contato de Bell com a maquiagem. Onde ela estava, o que tinha ao seu redor, como ela se maquiou, o que usou, quais suas emoções e reações. Irei descrever aqui o desenvolvimento dessa improvisação:

Sentado no chão do quarto ainda adolescente Bell vê alguns objetos da sua mãe no chão do quarto. A casa vazia, preenchida por algumas músicas que ele botou pra tocar pois sempre se envolvia pela casa quando não tinha ninguém, aproveitava para expressar alguns dos seus primeiros movimentos descobertos. Mas Bell não estava vivenciando isso de novo como um adolescente, ela estava no corpo atual, como se estivesse revisitando sua própria memória.

Sentado no chão, sua primeira ação foi colocar os brincos nas orelhas, lembrando sempre de beijá-los antes, sentir o cheiro, e, após colocar, se enxergar no espelho, testar ângulos, fazer movimentos, criar movimentos, dar movimentos aos brincos nesse corpo sem brilho.

Depois, ela coloca o colar, um colar grande de cor escura. Ria de novo como antes, ria lembrando da mesma alegria que teve nessa primeira vez de encontrar o que ela nunca perdeu e também nunca teve.

O terceiro passo foi a maquiagem. Começando pelo pó sendo passado com carinho com os dedos pelo rosto. Bell realizava ali um dos seus principais momentos de afeto, eu diria que o mais singelo deles. O pó estava acabando como tudo na vida dele. Foi um momento muito feliz mas também triste pela falta e pelo silêncio que era perpétuo. O segundo passo foi pintar as pálpebras, Bell escolheu logo a sombra verde clara com brilho, ela queria algo que chamasse atenção, que fosse potente. E ria sem parar, foram diversas nuances. Partiu depois para a sombra mais vermelha que tinha e espalhou pela bochecha como sempre viu sua mãe fazer, o quanto mais forte fosse, melhor ficava. Ele se achou linda e não perdeu tempo, faltava o batom vermelho preenchendo os lábios. Começou a passar e quase não finaliza com a alegria de ver seus lábios pintados, seu rosto pintado. Foi depressa se existir, ficou em pé, subiu nos móveis, quis ser visto.

Meu amigo que mora comigo estava no quarto ao lado e ela sentiu tanta necessidade de ser vista que foi lá mostrar como estava, como era lindo, como era da arte e de todas as maneiras que pudessem ser vistas.

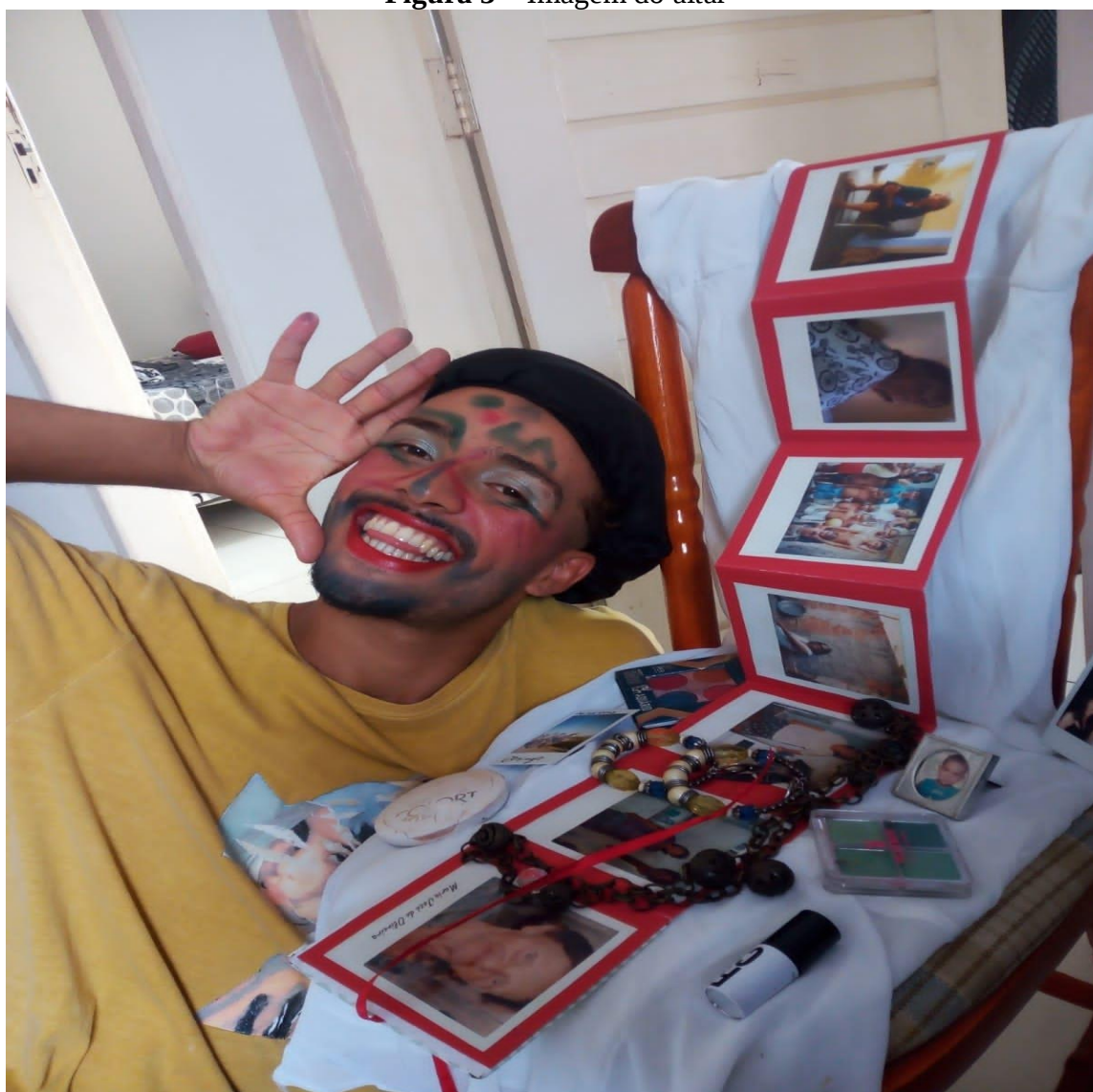
Após algumas demonstrações de si, de diálogos livres, o desejo por se pintar voltou. Dessa vez, a necessidade de ser ainda maior que tudo, que brilhar mais que tudo. A necessidade de ser vista, de ter um público, de falar, de se expressar tomou conta. Então, pintou. Pintou seu

rosto sem limites e sem pensar, só fez. O rosto tornou-se quadro branco pronto para ser completamente decorado por Bell que tinha e tem tanto a dizer.

Ao ver o resultado, Bell começou a cantar a canção *Sangue Latino*, sorrindo e com força, olhando pro espelho. Depois dançou em cima de uma cadeira. Explorou tudo. E então, parou. Pegou o vestido branco, colocou no corpo e mostrou para seu pequeno público.

Letícia e Bell montaram um altar. Um altar da personagem. Nele tinha o vestido, as jóias, a maquiagem, registros de amigos e um caderno com fotos da sua avó. As joias estavam entre os registros, tudo sob o vestido. O amor, o sonho e a fantasia juntos.

Figura 3 – Imagem do altar



Fonte: Imagem tirada pelo autor (2024)

No último momento desse laboratório, Bell sentiu a necessidade, sem indicações de Letícia, de escrever o que sentia relacionado à experiência de ter se maquiado pela primeira vez, ou de ter voltado para esse momento. Recolheu um caderno e uma caneta e assim escreveu:

“Hoje eu me maquiei pela primeira vez. Foi lindo! Acho que eu deveria ficar sempre maquiada, deveria já ser parte de mim.

Primeiro, eu fiquei linda, bela, parecendo uma atriz, parecendo uma mulher linda da sociedade. Lembrei da minha mãe nesse momento. Meus olhos ficaram vermelhos iguais aos dela quando está maquiada. Lembro dela sempre com os olhos vermelhos saindo do quarto pra gente ir. Fiquei igualzinha. Pensei o que ela sentiria se me visse assim. Será que iria reagir igual a vez que tinha brilho em meu rosto? Chamar meu pai pra resolver algo que não tinha mais solução? Acho que ela se assustaria, mas fiquei tão linda para assustar alguém.

Depois fui ficando com uma sede maior. Eu queria mais, muito mais. Não queria mais ser só beleza. Quis deixar ainda mais de me ver, como se pudesse desaparecer na imensidão das cores. Fui pintando com os dedos mesmo meu rosto, pintando quem eu sou.

Fui um bom palhacinho, um alguém animado. Queria ser ainda mais visto. Olhar de perto pras pessoas, falar, abraçar, cantar.

CANTAR!

Eu só queria cantar muito alto e forte. Cantar pro mundo bem alto.

Depois fiquei triste porque tudo aquilo no rosto não era suficiente. Queria trazer pro rosto e pro corpo toda essa beleza. Expandir tudo. Expansão, expandindo, expandido.

Zona de expansão.”

Bell foi para o espelho e retirou a maquiagem. Ele dizia sentir que a maquiagem sozinha não era mais suficiente, queria uma roupa diferente daquela que vestia e queria também público.

Encerramos e partimos para uma roda de conversa. Eu, Letícia e Francielison, que divide casa comigo e que compõe a equipe fazendo a produção. Começamos a pensar no esquema desse espetáculo, de como agrupar e arquitetar todas essas ideias. Relatei a minha ideia de dividir os momentos pensando em um dia, entre manhã, tarde e noite. Ao observar o cotidiano, percebo como os momentos do dia mexem conosco, o estado em que estamos em cada um deles, e assim, foi planejado uma ordem de atos que pretendemos começar a trabalhar no próximo laboratório.

Ao escrever o diário de bordo desse encontro me deparei com meus sentimentos. Um encontro entre falar sobre a personagem e sobre me ver por dentro. Em uma das principais memórias trazidas para esse trabalho, está minha vivência e meus sentimentos por minha avó,

amor e saudade. Comecei a buscar reminiscências dos momentos vividos com ela no passado, lembrei do momento que trago no escrito 5 dessa obra, esse que me fez chorar.

Reflito agora sobre a dualidade entre o ator e sua individualidade. Qual o limite da viagem em si mesmo para uma criação artística? Até onde podemos ir?

Terceiro encontro - 09/02/2023

É um novo dia, uma outra realidade, inseguranças e seguranças pessoais. O corpo do ator está sempre diferente em cada laboratório. Sinto a necessidade de sempre me desnudar para descobrir novas coisas, mas nem sempre é possível, algumas vezes temos que criar em cima de algumas vestes pessoais. Mas não é também sobre isso que estou trazendo nessa pesquisa?

Decidimos no último encontro realizar os cinco primeiros momentos e iniciamos debatendo sobre eles. O primeiro momento acontecerá ainda enquanto as pessoas estiverem chegando numa área de espera. A personagem está dormindo coberta por jornais e papelões, pois a ideia desse experimento é que seja a realidade do dia a dia desta personagem. As pessoas serão levadas para o espaço cênico onde terão a liberdade de conhecer aquela área, observar as imagens e os objetos. No fundo há um som urbano, levando o público para a imaginação do dia a dia.

O segundo momento é a chegada da personagem no espaço cênico e a abordagem ainda sutil entre as pessoas, ainda sem se apresentar, realizando improvisação sobre características do público e do cenário.

Iniciamos então o estudo do terceiro momento, a preparação da maquiagem para a apresentação artística e o relato de algumas vivências sexuais. O objetivo é levar o público a projetar o estereótipo sobre a personagem, enxergar sexualidade e alegria nos relatos.

Recolhemos uma cadeira, uma mala pessoal, maquiagem, figurino e indumentária da personagem. Vesti uma camisa velha grande, fiquei de cueca e amarrei um pano sobre a cabeça. Lá estava Bell, começando a vir com maior facilidade para meu corpo.

Bell iniciou a improvisação questionando onde as pessoas traziam a vida delas, e colocou significado na mala que carregava. Sempre carregada de riso após uma fala reflexiva ou triste, ele continuou seu desabafo e trouxe três relatos: o relato em que perdeu sua virgindade, o relato em que levou um tapa na cara enquanto mamava Romário e o relato da sua primeira paixão.

Fazia perguntas e jogava com o público. Pedia para eles adivinhar os nomes dos homens em suas histórias, e avaliarem a maquiagem que ela fazia. Ela criou um sentido entre as três

histórias, a audácia que relatou em seus escritos. Essa audácia esteve presente no carinho que Vagner fez em sua mão no carro, no tapa que recebeu de Romário no rosto e na audácia que ela mesmo teve ao se apaixonar por alguém.

Precisei sair da personagem por uma insegurança pessoal, queria saber como estava sendo e como eu estava me saindo. Me senti inseguro ao me comunicar na personagem. Acreditei, naquele momento, que precisava de um retorno de quem me assistia, esses eram Letícia e Francielison.

Voltando para Bell, experimentamos o quarto e quinto momento. Ainda não havia encaixe entre a saída do terceiro momento para o avanço desses. Mas dentro das improvisações anteriores, Bell sentia sempre a necessidade de expandir seu lado artístico para o corpo, além do seu rosto pintado. Então, sentiu a necessidade de construir com esse público o vestido dos seus sonhos. Deu a tarefa para o público de encaixar um objeto no vestido, como se estivesse construindo seus sonhos com a ajuda deles. E então, brincou de “pique esconde”, como na infância, enquanto o público enfeitava seu vestido. Deu o objeto para alguém e se escondeu. Contava e gemia nesse espaço de tempo. Então, ela saía do esconderijo, via o vestido e ainda queria mais. Repetiu essa ação por umas cinco vezes e, na quinta, demorou a sair do esconderijo. Lembrou do assédio que sofreu e trouxe esse relato para o público. Era rindo que Bell contou que o pai dos seus amigos agarrou ele durante uma brincadeira de “pique esconde”.

Ao finalizar o laboratório desse dia percebi minha dificuldade na comunicação com a personagem. Muitas vezes, com um impulso, tudo vinha à tona com facilidade. Outras, as palavras sumiram, e então precisava da ajuda de Letícia me provocando. Esse então se tornou um desafio para o próximo encontro: trabalhar a comunicação e a fala.

Quarto encontro - 16/02/2024

Diferente dos últimos laboratórios, esse não foi realizado em minha casa. Por algumas necessidades de Letícia, fizemos o encontro em uma sala do Departamento de Teatro - DTE na UFS, fica no Centro de Vivência.

A sala contém duas divisões. Uma é onde ficam figurinos e indumentárias do departamento, dos professores e dos alunos. E a outra é um espaço vago com apenas um armário e um quadro.

Iniciamos realizando a limpeza da sala enquanto discutimos sobre a montagem e a personagem. Acredito sempre ser importante esse momento de pontuar as direções da construção para que não seja uma caminhada em direções diferentes.

Relatei para Letícia minha dificuldade em relação à fala, observação realizada no último encontro e ela sugeriu que eu experimentasse níveis e variações de falas para a personagem. Trabalhar a voz em cima dos movimentos e dos escritos já criados. Utilizei os dois primeiros escritos, denominados “Cotidiano” e “Amor”.

Iniciei esse experimento retirando minha roupa e me vestindo da personagem. Camisa larga, cueca e pano fino cobrindo o cabelo. Recolhi as maquiagens e alguns objetos da personagem e deixei próximo, pensando na possibilidade de ele querer utilizar. Colocamos duas cadeiras uma em frente à outra, e iniciei lendo os escritos. Uma leitura ainda entre mim e a personagem, mais em mim do que nela. Li, reli, li de novo, repeti, pausei, aumentei, diminuí. Nada ainda. Não estava conseguindo trazer Bell através da fala e da leitura daqueles textos. Não estava sentindo nada, nem uma emoção inventada. Então, eu me levantei e comecei a ler em pé, com mais expressividade. Dessa vez, as ações estavam sendo de fora pra dentro, mas ainda não alcançaram meu emocional.

Letícia agora pediu para que eu não lesse mais, que soltasse aquelas palavras sem foco na ordem ou em acertar. Fui então começando a liberar as palavras com um maior entendimento do que estava sendo dito. Até então parecia que eu não estava escutando o que falava. Mas elas precisavam fazer sentido internamente para a personagem surgir de dentro para fora.

Toda vez que uma frase fazia muito sentido, depois de proferi-la eu fazia repetições de formas variadas ou de maneira crescente, até chegar em um local onde aquelas palavras saíram da maneira que precisavam que saísse. Em uma dessas repetições, Letícia se levantou e pediu para que eu chamasse a atenção dela enquanto caminhava pela sala sem olhar para a personagem. Em sua história, Bell já mendigou muito por atenção e para ser escutado. Então, nesse momento, ela veio de dentro para fora. De ter sentido a humilhação de pedir a atenção, de ser escutada. A repetição que Bell estava fazendo nesse momento era: “você sabia que existem pessoas que não vivem?”. Ela falava dela mesmo enquanto buscava o olhar daquele público.

Entre as emoções que senti vivenciando essa personagem, a raiva ainda não havia sido presente. Nessa condição em que Bell foi colocado, a aflição se tornou raiva. Letícia tomou da sua mão um papelão que Bell usava para se abanar e se expressar. E nesse momento, Bell tomou toda a sua atenção quando desabafou rindo e com raiva sobre a morte, o amor, o cotidiano e a vida.

Desse momento em diante, alguns traços físicos da personagem que não existiam, passaram a existir, como: gestos expansivos sem muita delicadeza e caminhadas mais largas.

Não havia brutalidade na raiva, nem muito menos reações de ataque. Mas existia uma raiva na voz e no corpo que demonstrava uma maior necessidade de ser escutada.

Continuei ainda a testar as repetições e as diferentes variações de tons ao proferir falas mais marcantes para a personagem, alcancei uma liberdade maior na comunicação da personagem. Foi assim que Bell avançou seu diálogo para os movimentos já trabalhados no laboratório anterior. Fez sua maquiagem enquanto falava sobre suas relações sexuais, lembrando de trazer as mesmas marcações definidas no laboratório anterior.

Após esse momento, demos uma pausa para nos comunicarmos sobre o laboratório até esse momento. Durante a conversa fomos na outra divisão da sala e encontramos alguns objetos cênicos e peças de figurino que se casavam com ideias para a montagem. Encontramos um vestido branco bufante que poderia ser perfeito para o momento dos sonhos, o momento do casamento de Bell. Coloquei o vestido em mim e toda a movimentação que fazia era vinda da personagem. Estava tudo de acordo com o que idealizamos, eu e Bell.

Após esse momento, queríamos construir marcações para um dos movimentos que ainda não havia sido trabalhado, a apresentação artística. Para alcançar isso, utilizamos uma madeira que estava na sala, tatame e um e.v.a. marrom para fazer o palco. Coloquei um chapéu, tirei a camisa, e vesti um pano de renda branco submetendo ao manto artístico da personagem, o qual ainda não tinha. Só depois iniciamos a marcação da apresentação de Bell com a música *Sangue latino* dos Secos e Molhados. Os passos foram pensados baseados na letra da música, e cada frase marcada por movimentos expansivos que trouxessem a letra para o corpo. Fizemos um registro do que foi criado para analisar depois e não esquecer nada.

Quinto encontro - 23/02/2024

Um encontro diferente, um corpo diferente dos outros dias. Pela manhã não estava trabalhando como era de costume antes dos outros encontros. Não havia dormido direito, mas estava com desejo de fazer mais com essa personagem. Tinha também uma preocupação em relação à experimentação dos movimentos. O tempo bate à porta, o tempo é curto e ele estreita as liberdades.

Cheguei na UFS e fui direto para a sala após ter recolhido a chave no departamento. A mesma sala em que trabalhamos no encontro anterior. Chegando lá, limpei a sala e organizei o palco da personagem no centro do espaço.

Os movimentos a serem trabalhados, seriam os movimentos 04, 05, 09, 10 e 11. A personagem já está maquiada em todas essas cenas e, por isso, dei início à maquiagem e a me

vestir com o figurino “Comum”. Coloquei músicas que impulsionam Bell em mim internamente e comecei a me alongar dançando. Em uma das músicas, Letícia chegou. Eu só não estava contando com a presença de um acompanhante, um amigo dela. O intuito de trazê-lo se deu pela companhia do caminho até ali. Mas brincando ela disse: “Olha quem eu trouxe para te assistir”. Minha reação genuína foi ficar tímido e com um certo medo do quanto poderia experimentar na personagem com público assistindo. Porém, eu também sempre gostei de desafios, e pensei como não fazia sentido a personagem recusar ser visto.

Sabia que tinha ainda uma timidez, por isso, me vesti da personagem para mandar o acompanhante se sentar onde queria que ele se sentasse. Ele quis continuar em pé, mas minha personagem o queria sentado assistindo.

Decidimos começar com os movimentos 08, 09 e 10. Pois, ainda não tínhamos trabalhado esses movimentos.

Iniciei a improvisação sentado no palco, respirando profundamente e trazendo Bell para a cena. Com o vestido colocado no chão em sua frente, Bell inicia suas indagações sobre o amor, conversa com o público presente, sem receio do olho no olho, sem receio dessa troca, muito pelo contrário, desejando mais. Trouxe então a movimentação criada no início dos laboratórios, onde relata o caminho de alguém em contato com o amor. Dessa vez, Bell recolheu o vestido e atuou com o vestido abraçado ao seu corpo.

A cada passo que Bell foi dando em direção às duas pessoas presentes, me vi em um misto entre eu e a personagem. Uma dualidade entre meu eu querer se distanciar de uma olhar próximo do público, e o desejo da personagem de falar de perto, desejo de ser escutado. Foi estranho, mas ele prevalecia me guiando. Após a demonstração da caminhada, Bell começou a falar sobre a simbologia do seu vestido de noiva. Sobre essa peça ser o significado do amor em mãos para ela. Assim, pede à plateia presente para que junte seu amor ao dela. E leva eles a pensarem em um dos amores da vida, lembrar da imagem dessa pessoa, lembrar das palavras que já ouviu, lembrar do carinho, lembrar da partida, da permanência. Entregou objetos para as duas pessoas e pediu para que cada uma colocasse o que recebeu sob o vestido pensando no amor que vivenciou.

Ela reagia às ações com risadas e gemidos. Mudou suas falas de um discurso sobre amor para um diálogo interno com o público, fazendo-os visitarem sua memória.

Recolheu o vestido e foi se vestir. Pediu ajuda à Letícia para subir o zíper no fundo. Colocou o véu sob sua cabeça e se viu mais bela que nunca. Bell estava em sua plena beleza, da maneira que tinha imaginado em seus sonhos. Foi assim que iniciou o diálogo sobre o sonho de se casar, de estar com um vestido branco, véu, com sua mãe do lado, indo em direção ao seu

amor, um céu lindo e a voz da sua amiga cantando suavemente. Pediu então para vivenciar aquele momento. Se posicionou no altar e convidou o público para cantarolar de forma suave, conduziu a cantoria até ficar como queria. Passos lentos começaram a ser dados como se realmente se casasse. Até notar que o sonho não estava completo, não tinha a mãe ao seu lado. Tira o véu e começa a falar sobre o amor da sua mãe. Agora, o assunto sobre o amor toma um rumo diferente. Bell se ajoelha, chorando e rindo fala sobre a pureza do amor de sua mãe.

Encerro a improvisação e recebo o comentário do público. Como sempre fazemos, Letícia fez apontamentos importantes em relação à improvisação, pontos positivos e pontos negativos. Mas o mais interessante é que a outra pessoa presente se prontificou a falar o que pensou sobre o que viu. Em sua fala, destacou o desejo de falar mais com a personagem, de querer expressar o que pensava diante das interrogações feitas por ela, e de querer saber sobre sua história. Aponta também que ao escutar o que ela falava sobre amor, começou a refletir e se inserir no diálogo, até perceber que existem pessoas que não amam ou nunca foram amadas e se dar conta de que ela era uma dessas pessoas. Nesse momento ele fala começar a sentir pena de Bell mesmo achando engraçado e bonito o que saía dela.

Ouvir esse retorno foi como uma confirmação de estar no caminho certo. Ouvir alguém realmente de fora, que não me ouviu explicar a personagem, dizendo ter sentido o mesmo que eu sentir ao ser abordado por aquela pessoa em Salvador, foi transbordante.

Nos despedimos, pois ele precisava ir embora. Eu e Letícia continuamos e fomos para a parte dois desse laboratório.

A sala em que estávamos fica próxima ao local onde planejo me apresentar com esse experimento. Sendo assim, levei alguns objetos necessários e fomos para esse local pensar em marcações para o movimento 05 e 06. Chegando lá, trouxe cenicamente o que foi construído para esses movimentos em laboratórios passados. Pensamos então na redistribuição dessa improvisação, na ordem e na marcação. Existirá uma liberdade cênica, mas há também marcações de início, meio e fim ou de direcionamento cênico. Testamos intenções e locais no espaço onde o movimento poderia acontecer.

No momento do relato do assédio, acontecido no movimento 06, por ser um dos momentos mais dramáticos do espetáculo, aprofundamos ainda mais algumas intenções, prolongamos o silêncio. O silêncio junto ao movimento falava muito mais que as palavras.

Foi importante ter se conectado enquanto Bell com esse espaço. Provocou em mim um desejo de construir uma aproximação da personagem com esse ambiente que pra ela é tão familiar.

Sexto encontro - 06/03/2024

“É correto afirmar o que o outro quer ou não receber? É correto deixar de dar? É correto jogar aquilo que é preciso? O que é que é preciso? O que é que é necessário?”

A rosa é uma das coisas mais lindas que existem, traz pureza, traz beleza, traz cheiro. Mas quando não é colocada no local certo, as coisas morrem. O cheiro, a beleza, as relações, o amor. A rosa com espinhos que espinham.

Jogue a toda para mim, mas veja como ela chegará. Serão pétalas a tocar o meu corpo? Serão espinhos a borrar minha maquiagem?

Jogue o que você tem pra jogar, aquilo que não te dá dúvida. Me dê o que eu preciso.

Concluimos então que eu preciso do tomate. Aquele que me sacia, sacia a minha fome, aquele que enche o meu estômago.

Será?

E se o saciado nunca saciar? E se a falta do amor da rosa não jogada abrisse um buraco muito maior?

Um dia eu ouvi dizer que a fome é mais urgente que tudo. Esse com certeza estava de barriga vazia. Agora pergunta para quem tem um buraco insaciável o que é mais urgente que tudo. Esse, com certeza, lembraria de algo, de um cheiro, de um momento, de alguém. Esse lembraria do amor.”

Nesse dia o laboratório foi diferente, não improvisamos, não passamos cena. Nesse dia muitas coisas deram errado. O local indisponível, a maquiagem que faltou, o figurino preso. E não é que desistimos, nós alteramos a rota desse encontro.

Fomos para o local pensado para acontecer a apresentação e testamos possibilidades com o tecido e luz para o movimento 06, o movimento “Exposta”. Após o teste, fomos para a sala do Centro Acadêmico de Teatro (CAT). Me vesti com uma camisa grande, fiquei de cueca e amarrei o lenço na minha cabeça. Lá estava eu vestido de Bell, mas eu não estava na personagem, ainda era eu ali. Sentei em uma cadeira em frente à Letícia e começamos a falar sobre um dos movimentos que não tínhamos trabalhado no laboratório até então, o movimento 08 “Falta”. Não sabíamos como iríamos desenrolar o enredo sobre a fome e a relação entre público e a personagem nessa cena. Após um tempo de conversa, provocando possibilidades e imaginando cenários, cheguei na questão “o que eu preciso?”, não eu, mas sim Bel. A dualidade entre a necessidade de comida para saciar a fome ou a necessidade de amor para saciar um vazio ainda mais profundo para essa pessoa. Foi aí então que escrevemos o relato que exponho

no início do escrito desse laboratório. Um escrito cheio de indagações e que não responde e não conclui nada, mas que leva o público a pensar. Um escrito feito por mim e por Bell juntos.

Sétimo encontro - 07/03/2024

Um novo dia, apenas algumas horas após o último encontro, tempo necessário ou pouco tempo para mastigar o texto escrito e trazer para esse novo laboratório. Dessa vez, sem maquiagem, mas com a alma e o coração entregues. Não é todo dia que estamos dispostos a atuar. Estamos cansados, preguiçosos ou desanimados. Nesse dia não, nesse dia eu fui disposto a fazer tudo o que Bell era.

Vestido de Bell, com pouca roupa e poucos adereços, Letícia me provoca a iniciar o laboratório diversificando as intenções do texto escrito na noite anterior. Comecei a trazer Bell em meu corpo e voz pouco a pouco. A cada repetição, as falas faziam ainda mais sentido, seja falando com raiva, tristeza, amor ou alegria.

Ao declamar a última estrofe do texto, fui pego de surpresa pela presença de um alguém inesperado. Letícia havia convidado um amigo para assistir, Daniel, seu nome. Ele encostou na janela do lado contrário onde Letícia estava. Ao ver, tinha acabado de citar “Um dia eu ouvi dizer que a fome é mais urgente que tudo.”, fui ao encontro dele e disse a frase em seguida “Esse com certeza estava de barriga vazia.” com minha mão alisando sua barriga. Então, pedi para que ele se sentasse ao lado de Letícia, uma improvisação importante para o início do experimento cênico, onde guiarei o público para o local planejado.

Finalizamos o momento de repetição e partimos para a improvisação direta a partir do movimento 08 em diante.

Utilizei um tecido para simbolizar uma rosa ao falar sobre sua beleza. Movimentos com o pano como se tocasse nas pétalas, e como se os espinhos estivessem machucando a minha mão. Letícia retirou uma goiaba de sua mochila e me deu, no intuito de simbolizar um tomate. Mastiguei esse tomate enquanto falava e como se estivesse repleto de fome. Coloquei a perna na cadeira em que Daniel estava sentado e falei sobre a rosa em meu corpo, deixei que ele visse de perto as marcas dos machucados de Bell que ainda não estavam visíveis, mas que, para mim, eram muito reais.

Dei continuidade nos outros movimentos que já tinham sido trabalhados, sem pausa, sem interrupções. Então, cheguei ao movimento 12, o movimento “Nada”. Esse foi pensado para ser iniciado com uma fala sobre o olhar generoso da mãe, um dos resultados de improvisações em laboratórios anteriores. O contraponto entre o olhar da mãe e a falta de olhar

da sociedade, fazendo então com que as pessoas nunca a conhecessem. Todos idealizam diversas histórias e características para essa personagem com base no que está sendo visto e escutado, mas, nessa cena, tudo se desfaz quando ela diz “Meu nome é Bell Apartida. É muito tarde para que vocês me conheçam.”.

Ao final da improvisação, parei para escutar o que Letícia tinha a dizer. Ela fez os apontamentos necessários entre coisas boas e ruins e anotei tudo, como já era de costume. Mas o mais interessante foi Letícia ter pedido para que Daniel falasse sobre o que ele tinha acabado de ver. Daniel se calou por minutos, eu não sabia o que ele pensava, não sabia o quanto aquilo poderia ter sido muito bom ou muito ruim para esse espectador a ponto de trazer seu silêncio. Como ele não falou nada, continuamos a debater. Um tempo depois, Daniel pede pra falar. Ele diz ter ficado muito triste durante o laboratório, uma tristeza profunda por tudo o que escutava e via. “Bell fala sobre o amor, mas é uma pessoa carente” disse Daniel ao explicar sua tristeza. Faltou também que sentiu vontade de conversar mais com a personagem e participar toda vez que ela chamava.

Nessa experiência e nesse momento de finalização de laboratório, ter esses relatos de uma pessoa de fora que nunca ouviu minha explicação sobre a personagem, é ter um retorno negativo ou positivo do que estamos idealizando. Esse retorno foi muito positivo para mim, pois ele afirma o alcance dos objetivos com essa personagem, a dualidade entre a fala e o corpo, e a aproximação na diferença entre o público e Bell.

3. OS ELEMENTOS DIZEM

3.1. Figurinos

- Comum

Figura 4 – Figurino Comum



Fonte: Imagem tirada pelo autor (2024)

O primeiro figurino é composto por:

- Cueca de cor bege;
- Camisa de malha grande, larga e envelhecida;
- Pano fino branco cobrindo a cabeça, preso por um elástico;

A primeira imagem da personagem vista pelo público é sob essas condições. Roupas em condições precárias, sujas e gastas do uso e do tempo. Ainda sem maquiagem e sem adereços que projetam qualquer percepção de beleza.

Pensando na dualidade entre o gênero da personagem, em causar dúvida no público se Bell é homem ou mulher, o primeiro figurino a ser utilizado é o figurino “Comum”. A escolha da cueca se dá pelo fortalecimento do estereótipo masculino. Já a escolha do tecido na cabeça projeta uma imagem “feminina” e esconde seu cabelo. A camisa, socialmente definida como masculina, nesse momento, se torna uma peça ambígua entre uma camisa e um vestido. Não houve nenhuma confecção do figurino, as peças foram doadas por pessoas próximas ou são pertences pessoais.

A personagem se mantém descalça em todos os figurinos com o objetivo de demonstrar vulnerabilidade e contato com a rua, seja estando comum, se apresentando ou em um sonho.

- Zona de Expansão

Figura 5 – Figurino Zona de Expansão



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

O segundo figurino é composto por:

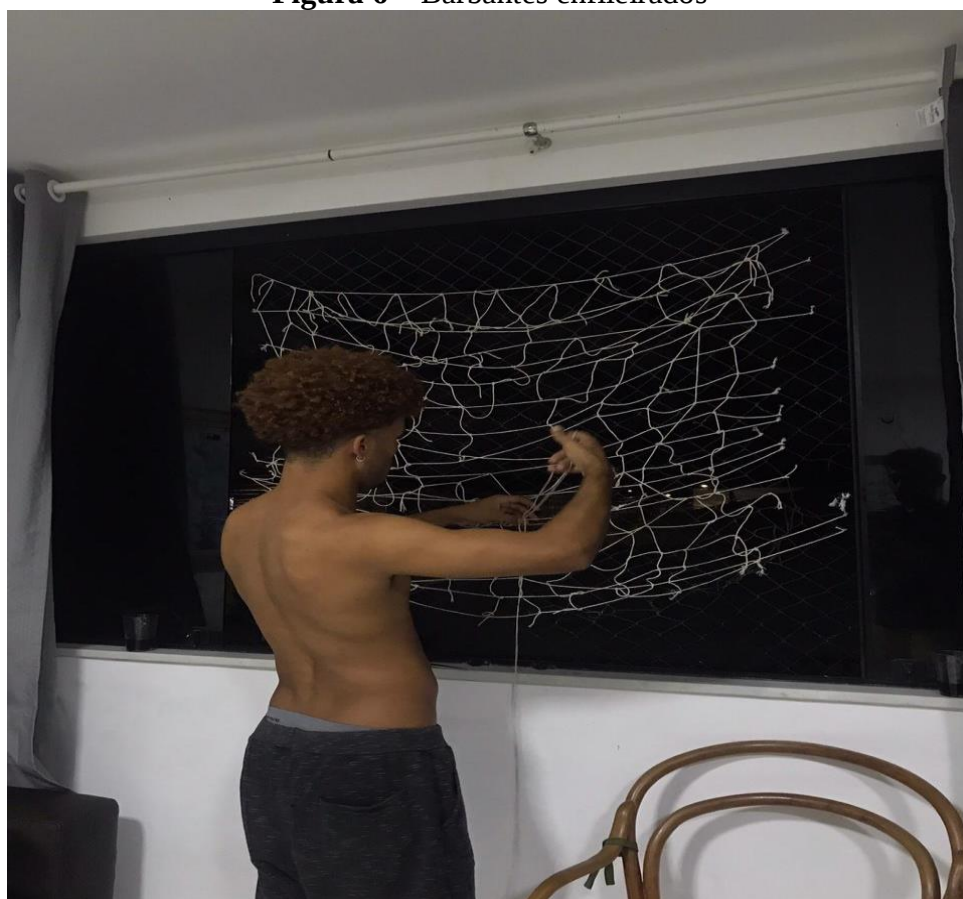
- Barbante;
- Objetos e retalhos reaproveitados do dia a dia;
- Cola quente;
- Cueca;
- Pano fino branco cobrindo a cabeça, amarrado com um elástico;
- Chapéu;
- Brincos, correntes e pulseiras.

Esse figurino é denominado “Zona de expansão” pois exprime o melhor lado de Bell, sua melhor versão, a zona em que ela expandiu de si mesmo para compor um novo alguém.

O figurino busca expressar o exagero das emoções da personagem trazidas para o público em forma de arte. Sua necessidade por um local de maior visibilidade. Muitas cores, elementos de beleza e um figurino que acompanha os movimentos em sua apresentação.

Comecei a criar a base para o figurino com barbante. Na janela da sala de estar da minha casa há uma tela de proteção, e com a ajuda de Francielison, meu amigo, colocamos recortes de barbante na horizontal enfileirados, com as pontas amarradas na tela.

Figura 6 – Barbantes enfileirados



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

Após isso, fomos amarrando recortes de barbantes verticais sobre os outros recortes já colocados e fomos fazendo amarrações cruzadas sem linearidade ou precisão, aliás, o objetivo era construir uma base de barbante semelhante à uma rede de pesca desgastada. O centro dessa base foi deixado sem amarrações com foco em ser utilizado para colocar minha cabeça.

Figura 7 – Base do figurino Comum



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

Em busca dos elementos relacionados à cor e movimento, busquei diversas fitas coloridas da igreja do Senhor do Bonfim e objetos descartáveis presentes em meu cotidiano.

- Sonho

Figura 8 – Figurino Sonho



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

O terceiro figurino é composto por:

- Vestido de noiva branco bufante;
- Renda branca cobrindo seu rosto simbolizando o véu.

Esse figurino é a imagem perfeita do amor para Bell, a imagem do sonho que foi pensado em sua vida inteira. Bell fala sobre o amor puro da sua mãe, da simplicidade e da beleza no amor que via. Ao encontrar esse vestido guardado no meio das indumentárias do DTE, meus olhos brilharam, pois, vi ali toda a construção pensada para a personagem.

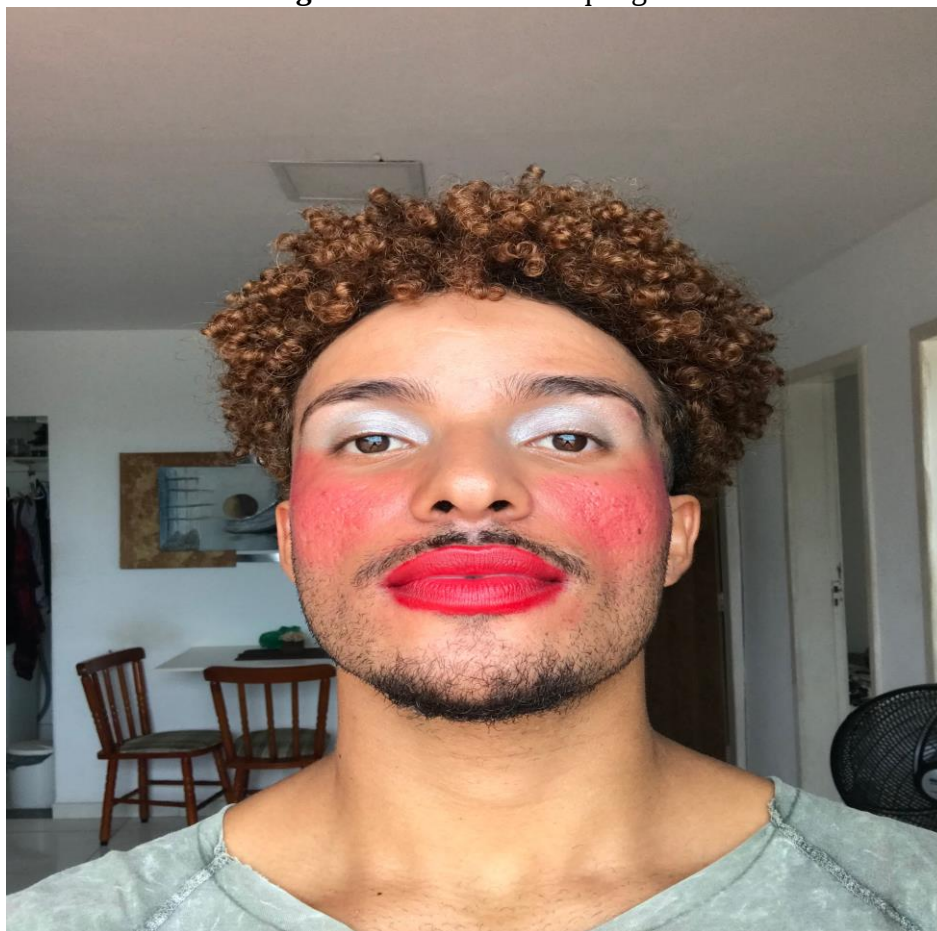
Desejei trazer nesse figurino os principais estereótipos de vestido de noiva: branco, bufante, renda e véu, provocando no público a ideia de perfeição. Em contrapartida, há machucados no corpo exposto nos movimentos que a personagem faz vestida nesse figurino.

3.2. Maquiagem

A maquiagem é um forte elemento dessa personagem, ela esteve presente na pessoa que encontrei em Salvador, e isso me sobreveio em forma de resistência. Ainda que esse alguém estivesse sob as condições da rua, sua maquiagem desgastada continuava em seu rosto. O motivo, não sei. Pode ser por vaidade, beleza, vergonha ou seu lado artístico, ao se apresentar para os turistas do local.

Busquei trabalhar a maquiagem logo de início no laboratório, pois sentia que esse seria um forte condutor no contato com a personagem e no processo de conhecê-la. Tive um dia de laboratório específico para essa construção. Um processo de Bell em frente ao espelho se imaginando na fazendo sua maquiagem com os produtos da mãe. O resultado foi uma boca grande vermelha, bochechas avermelhadas e pálpebras pintadas por um verde claro brilhoso.

Figura 9 – Primeira Maquiagem



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

No início, não estava com o material ideal, foram alguns pertences de maquiagem de Letícia. Depois, consegui uma maleta de couro com uma variação maior de produtos pertencente à orientadora Joana. Algo ali era ainda mais interessante: mesmo com todos os produtos disponíveis, a maquiagem de Bell não utiliza tudo, é uma maquiagem feita a partir do escasso. Pego então dentro da maleta dois batons com tons variados de vermelho, uma paleta de sombras, outra paleta com dois tons diferentes de pó compacto para a pele, e uma esponja de maquiagem coberta por um veludo com estampa de onça.

O passo a passo da maquiagem é realizado em cena no início do experimento. Primeiro, eu aplico o pó compacto com o uso da esponja sobre todo o meu rosto, sem muita precisão e

boa cobertura, a ideia é não ser uma bela maquiagem. No segundo passo, utilizo a paleta de sombras, e com os próprios dedos, coloco uma sombra azul clara na parte inicial da minha pálpebra estendendo até o meio. Uma sombra azul escura é aplicada com outro dedo no meio da minha pálpebra até o final. As sombras cobrem todo o espaço da pálpebra entre meu olho e a sobrancelha.

Depois vou para as sobrancelhas rosadas, uma parte muito característica na imagem lembrada da maquiagem da minha mãe. Pego um dos batons vermelhos, dou batidas sucintas nas duas bochechas, mais precisamente, nas maçãs do rosto, espalho com os dedos em movimentos circulares e arrastando o produto para uma área maior. Por último, cubro a boca de Bell com um batom vermelho ultrapassando a linha de limite dos lábios, assim, projeto uma boca maior do que a que tenho. Todos os passos da maquiagem são feitos com exagero para serem vistos por todo o público e sair da ideia de beleza.

Figura 10 - Imagem da maquiagem



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

3.3. Trilha sonora

Cabeleira do Zezé - Intérprete Banda Gol/ Autoria João Roberto Kelly

O início do experimento cênico acontece com essa música que é uma marchinha de Carnaval, tocando na chegada do público e de Bell, no intuito de contagiar a todos. Pretendo projetar nos espectadores que o que será apresentado a seguir é alegre e animado.

Além disso, a música traz em sua letra indagações referentes a gênero e sexualidade. O que alimenta o teor político do experimento, que fala sobre uma pessoa LGBT. Um dos trechos da música diz:

“Olha a cabeleira do Zezé
Será que ele é?
Será que ele é?”

Eternamente- Intérprete Gal Costa/ Autoria Sérgio Natureza

Durante o ato 03, a personagem relata alguns casos sexuais e afetivos que vivenciou. O último caso a ser relatado é a história da sua primeira paixão.

Bell relata que era um amor raso, onde ela precisava aceitar pouco para continuar mantendo vivo esse sentimento. Apesar de ser um amor forte e que marcou sua vida, as maiores demonstrações afetivas foram pequenos toques escondidos.

Para compor essa cena, a música cantada por Gal traz um pouco da dualidade desse amor e impulsiona a personagem a contar o seu relato.

“Só mesmo o tempo pode revelar
O lado oculto das paixões
O que se foi e o que não passará
Inesquecíveis sensações”

O trecho da música se torna uma declaração não dita ou cantada por Bell para seu primeiro amor, uma cena romântica e que traz a beleza.

Viagem passageira -Intérprete Gal Costa/ Autoria Gilberto Gil

No decorrer do ato 05, a personagem Bell expõe a história do estupro que sofreu. Esse ato é o primeiro do experimento cênico em que expõe um lado sensível e dolorido da personagem, após os outros atos que provocam no público um olhar sexual e caricato sobre a personagem.

A escolha da música se dá pelo intuito de mudança do ambiente cênico, por ter uma melodia melancólica e falar sobre feridas, compõe o relato triste contado por Bell.

Rosa de Hiroshima - Intérprete Ney Matogrosso/ Autoria Vinicius de Moraes

“Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa, sem nada.”

A personagem Bell troca de figurino atrás das cortinas, expondo suas feridas e os machucados em seu corpo. O crucial nessa cena é o corpo da personagem. *Rosa de Hiroshima* foi escolhida pela subjetividade na letra. O que o público está vendo fala mais que o que o público está ouvindo.

Sangue latino - Intérprete Ney Matogrosso/ Autoria João Ricardo e Paulinho Mendonça

Para “assumir os pecados”, como diz a letra, foi escolhida para o ato 07, em que Bell se apresenta artisticamente para o público. Ela canta e dança expondo a letra da música.

O mundo é um moinho- Cartola

Recolho nessa música sua melodia sem a letra, apenas a parte instrumental, para compor o ato 11. A personagem encontra imagens de pessoas importantes da sua família. Bell torna seus sentimentos abertos para o público.

Balada de Gisberta- Intérprete Maria Bethânia/ Autoria Pedro Abrunhosa

“Perdi-me do nome,
Hoje podes chamar-me de tua,

Dancei em palácios,
Hoje danço na rua.
Vesti-me de sonhos,
Hoje visto as bermas da estrada,
De que serve voltar
Quando se volta p'ró nada.
Eu não sei se um Anjo me chama,
Eu não sei dos mil homens na cama
E o céu não pode esperar.
Eu não sei se a noite me leva,
Eu não ouço o meu grito na treva,
E o fim vem-me buscar.
Sambei na avenida,
No escuro fui porta-estandarte,
Apagaram-se as luzes,
É o futuro que parte.
Escrevi o desejo,
Corações que já esqueci,
Com sedas matei
E com ferros morri.
Eu não sei se um anjo me chama,
Eu não sei dos mil homens na cama
E o céu não pode esperar.
Eu não sei se a noite me leva,
Eu não ouço o meu grito na treva,
E o fim vem-me buscar.
Trouxe pouco,
Levo menos,
E a distância até ao fundo é tão pequena,
No fundo, é tão pequena,
A queda.
E o amor é tão longe,
O amor é tão longe
E a dor é tão perto”

É fundamental destacar a letra e a história dessa música, pois contém um diálogo direto com o projeto. Foi inspirada na história de Gisberta Salce Junior, uma mulher transgênero brasileira de 45 anos que foi assassinada em Portugal, agredida e violentada por quatorze adolescentes durante dias. O corpo de Gisberta foi encontrado no fundo de um poço (Filho, 2016).

A música foi escolhida para compor o ato 12, o ato final. Bell se desmonta de toda beleza e produção, e recolhe seus pertences para ir embora. A letra da canção é uma despedida da personagem.

3.4. Cenografia e iluminação

A escolha do local foi um momento de indecisão, sendo esse o primeiro passo nesse âmbito, para depois então pensar nos objetos cênicos e na iluminação. O interesse pessoal desde o início nunca foi se apresentar em uma sala, em um teatro, um auditório ou em um local fechado por quatro paredes.

Como o encontro que impulsionou a criação da personagem foi acontecido no meio de uma praça na parte de cima do Elevador Lacerda em Salvador, o local que idealizava para a apresentação precisava ter características semelhantes à esse momento.

Em diálogos com a orientadora Joana, e ao relatar minhas ideias, ela sugeriu que eu conhecesse o pátio interno do Departamento de Libras da UFS. Na verdade, eu já conhecia o departamento, já havia tido aula em uma das salas, porém, não tinha reparado no espaço central.

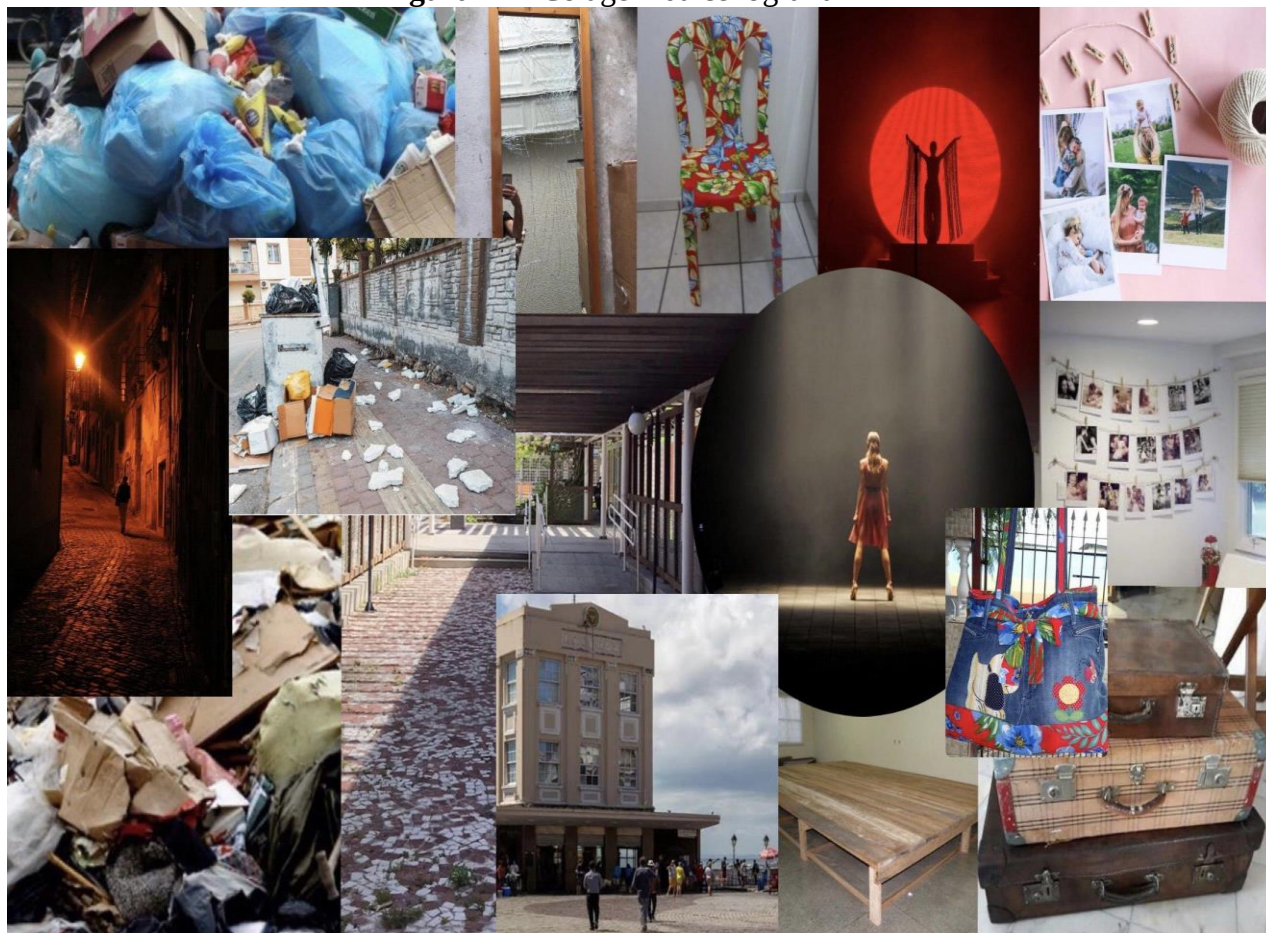
O Departamento é uma junção de contêineres com cores fortes, onde se dividem as salas. No centro dos contêineres, há dois espaços. Em um lado, há um jardim. Em outro, há um espaço vazio coberto por madeiras no teto, postes de luz nas extremidades e um piso que remete ao chão de praça e de rua.

Figura 11 – Imagem do Local

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

Ao visualizar esse espaço, consegui perceber a possibilidade de desenvolver o experimento cênico naquele ambiente e alcançar a estética que eu buscava. A partir dessa escolha, durante o laboratório, os objetos e a cenografia foi sendo construída, mas idealizando a utilização de sacos de lixo, bolsas e malas pertencentes à personagem, um palco de madeira no centro formado por um palete e coberto por um tábuia de madeira, é um círculo no teto com um pano amarrado pensado para cobrir a personagem em uma cena específica. Por todo o ambiente, entre as madeiras, pretendemos colocar barbantes estendidos com imagens pessoais da minha infância, de pessoas importantes e de momentos que foram trazidos para a dramaturgia. Intitulei a cenografia e o espaço cênico de “A rua”.

Realizei uma colagem com as idealizações e ideias criadas, em busca de demonstrar o objetivo final da cenografia de construir o universo de rua da personagem.

Figura 12 - Colagem da cenografia

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

No âmbito da iluminação, não haverá tantas mudanças do que o espaço disponibiliza. Por ser um experimento que trata da escassez do dia a dia, uma luz forte ou com cores vibrantes poderia projetar uma experiência diversa do que busco causar esteticamente.

Usarei um refletor no centro do espaço que provoca o foco central na personagem, necessário para um dos movimentos onde a luz destaca o corpo machucado, pois as luzes já existentes não são fortes e ficam nas extremidades do espaço. Nesse momento citado a luz precisa ser central e que se localize no meio do círculo de tecido sob o palco de madeira.

Cartaz (Diz)calça

Figura 13 - Cartaz (Diz)Calça



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2024)

O cartaz é o primeiro convite ao público para assistir *(Diz)calça*, é o primeiro contato com o experimento. Para esse momento pioneiro, meu objetivo foi demonstrar um pouco da dualidade presente no corpo da personagem Bell. Fiz uso do figurino “Zona de expansão”, o figurino artístico da personagem e algumas flores vermelhas para simbolizar o amor, tão importante na dramaturgia. Com o uso de maquiagem, fiz machucados em meu corpo com foco em mostrar o corpo deteriorado. Convidei minhas amigas Luiza e Rebeca para colaborar em um ensaio fotográfico do meu corpo com os elementos elencados acima. Fomos para o meio de uma estrada e fotografamos com o uso do meu celular. Minha amiga Andrielle Alcântara, também aluna do curso de Licenciatura em Teatro da UFS, realizou a criação do cartaz a partir daí. Ela editou a imagem deixando-a com aspecto envelhecido. A fonte da letra com rachaduras dialoga com o experimento cênico, que fala sobre machucados. Todas as informações foram colocadas revezando-se as cores branca e bege, em contraste com o fundo.

4. (DIZ)CALÇA E SUAS INSPIRAÇÕES

Partindo do processo de construção de personagem a partir de memórias, iniciei a pesquisa por elementos teóricos e estéticos que pudessem agregar e impulsionar essa montagem. Para isso, busquei referências que refletem sobre a criação a partir da memória e revisei obras artísticas para fundamentar este experimento cênico, seja na metodologia, na estética ou na história contada.

A tese de Doutorado em Teatro *Pequenos espetáculos da memória: Registro cênico-dramatúrgico de uma trupe de mulheres idosas*, de Beatriz Pinto Venâncio, publicada em 2008, abordou o uso da memória como material condutor de criação para o desenvolvimento de montagens cênicas por meio de oficinas teatrais realizadas para mulheres idosas. As participantes compartilhavam nos encontros relatos de lembranças, ou provocados pela condução de Venâncio ou de forma espontânea através das memórias coletivas e individuais.

Estes relatos proporcionaram a construção de textos dramáticos que posteriormente se tornaram espetáculos teatrais, e foram apresentados pelas turmas das oficinas. As atrizes/alunas atuaram nestes espetáculos, após transformarem seus relatos em cena e dramaturgia. Segundo Venâncio (2008), a dramatização de memórias no teatro costuma acontecer diferente da sua proposta, em geral relatos são trazidos para um espetáculo, mas não necessariamente os autores participam da atuação e da montagem teatral.

Esta observação da autora me levou a pensar nas possibilidades de mudança, na alteração da rota. Uma vez que o teatro se utiliza da memória de outras pessoas que não estarão em cena, busco entender quais as possibilidades de criação se os relatos utilizados partem exclusivamente da experiência do ator.

Através do desejo de construir um personagem baseado em meu encontro com a figura em Salvador, a obra de Venâncio me inspirou e me proporcionou um caminho de possibilidades ao fazer uso da escrita de memórias para uma construção teatral. “A memória é sempre viva, seja física ou afetivamente, e desaparecendo o grupo ao qual pertencíamos, no momento em que vivemos determinadas lembranças, tendem a desaparecer também; para salvá-las do esquecimento é preciso escrevê-las” (Venâncio, 2008, p. 43).

Foi importante trazer a escrita dos relatos e memórias pessoais para a construção da dramaturgia, pois provocou a lembrança e a possibilidade de reviver determinado momento, seja lembrando dos detalhes, do cheiro, das pessoas ou revendo imagens.

Memórias coletivas das mulheres foram abordadas pela autora em sua pesquisa. O que me interessei em trabalhar foi a memória infantil. Venâncio afirmou sobre a infância:

Lembrar da infância é colocar o passado em imagens. Surge, aqui, a necessidade de reviver. Esta é uma memória interior, que parte da experiência pessoal reanimada pelas peripécias cotidianas e o ambiente familiar. Casas, jardins, objetos e grandes mesas de refeição decoram estas memórias e as situam (Venâncio, 2008, p. 57).

Lembrar e pensar na infância é visualizar imagens existentes nesse período. Foi meu foco no experimento utilizar a memória para criar todos os elementos cênicos, não apenas a personagem. Provoquei lembranças pessoais direcionadas no caminho de encontro com a personagem e alcancei reminiscências que não estavam mais presentes, porém vieram à tona a cada escrita. A partir do que foi sentido por mim no encontro pioneiro que inspirou a criação, o interesse em levar essa personagem para a cena está na provocação ao público, na ambiguidade entre a fala e o corpo.

Fazendo o uso dos estereótipos sociais no início da montagem, induzo o público a construir uma possível história e a resposta da dúvida de quem é essa personagem que fala de sexo e que traz alegria em suas palavras. No decorrer dos movimentos, a quebra vai acontecendo e as interrogações levam os espectadores a refletirem sobre o que construiu inicialmente e o que é de verdade. Perceber a semelhança com esse alguém que antes parecia ser tão diferente. Busquei provocar nos espectadores envolvimento e aproximação com a história a ser retratada, o olhar para si ao assistir o experimento (*Diz*)*calça*.

Na proposta de Venâncio, ela aplicou oficinas que desenvolveram a dramatização da memória das alunas. No meu trabalho, busquei utilizar minha memória assumindo a função de autor e ator, não só na encenação, mas também na construção dos elementos presentes na montagem. Essa abordagem se aproxima da obra do ator Paulo Gustavo ao desenvolver uma personagem baseada em suas vivências.

Ao longo do percurso teatral que venho trilhando, tenho admirado trabalhos de determinados artistas, sejam eles atores, diretores, músicos ou professores de artes. Busco sempre um lado positivo para absorver dentro do que me proponho a assistir ou acompanhar. Comecei a admirar o ator e roteirista Paulo Gustavo, seja por sua resistência artística, como pela maneira que construiu sua marca. Conheci o trabalho de Paulo através do filme *Minha mãe é uma peça*. A partir daí acompanhei seu trabalho ainda sem muito conhecimento sobre sua história e trajetória, porém, segui sendo espectador dos seus filmes.

A obra de Paulo inspirou e aproxima-se desse trabalho, pois ele desenvolve uma personagem inspirada na sua mãe, nas suas tias e nas suas vivências familiares. Beatriz Coelho

Gomes em seu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais, intitulado *Um Fenômeno de Mídia: A trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia*, publicado em 2018 pela Universidade Federal Fluminense, descreveu a trajetória do ator e explicou a construção da personagem Dona Hermínia.

Paulo foi convidado para fazer uma participação especial na peça *O Surto*. Ele foi apresentado ao grupo pela amiga Samantha Schmütz, que era atriz convidada no grupo. Foi nesse momento que o ator trouxe, pela primeira vez, a personagem Dona Hermínia para o palco, segundo Gomes (2018).

Conforme Gomes relata, esse foi o primeiro contato do ator com sua personagem. E mesmo acontecendo de maneira breve, o fato de Paulo ter proximidade com a personagem fez com que essa experiência se tornasse um sucesso. É de suma importância o período laboratorial com uma personagem para a descoberta e o desenvolvimento de suas características, e o fato de suas inspirações estarem sempre presentes em sua vida, e, consequentemente, guardadas em sua memória, proporcionou uma amplitude de possibilidades para a criação.

Paulo escreveu um monólogo teatral a partir de uma personagem, inspirada em sua mãe. Essa linha de criação não necessariamente possui uma ordem cronológica determinada para acontecer, pode iniciar da personagem para a dramaturgia, da dramaturgia para a personagem, estendendo-se a todos os elementos de uma montagem teatral. No caso da minha experiência, a criação se iniciou a partir da personagem para depois então construir os demais elementos como a dramaturgia, o cenário, a trilha sonora e a iluminação.

Paulo se inspirou nas mulheres de sua família e as descreve como mulheres muito fortes, chamando esse procedimento de “laboratório de uma vida inteira”, segundo Gomes (2018). Identifico-me com esse procedimento de construção da dramaturgia. As memórias da minha infância se tornaram objeto de estudo e de investigação cênica. As memórias selecionadas como parte da dramaturgia precisaram fazer sentido com a personagem e o que ela quer falar. Sendo assim, nem todas as reminiscências foram recolhidas para a montagem, e as lembranças trazidas não continuam em seu formato inicial. Através do laboratório com improvisações e escrita, foram realizadas adaptações entre realidade e ficção.

Ainda segundo Gomes, o ator se inspirou não só em sua mãe, mas em todas as mulheres da sua família ao perceber características semelhantes entre elas e o que ele pretendeu trazer para o palco. Paulo Gustavo não realizou uma construção a partir da imitação, pois Dona Hermínia não possui todas as características da sua mãe. Assim ele constroi, também, os elementos da personagem como o figurino, maquiagem e caracterização.

Paulo conta que se baseou no estereótipo da dona de casa para compor a personagem. No seu entendimento, “Dona Hermínia” não é submissa a nada, ela é o oposto. Contudo, é uma mulher madura, de uma determinada geração e que carrega consigo determinados valores e comportamentos (Gomes, 2018, p. 28).

Assim como foi meu objetivo em relação à pessoa que encontrei em Salvador, não imitar todas as suas características, e sim construir a partir do que foi observado.

Desta forma, relacionei o processo de construção da personagem Dona Hermínia por Paulo Gustavo e o processo de montagem de *(Diz)calça* ao conceito de autoficção desenvolvido por Serge Doubrovski, descrito por Patrice Pavis no *Dicionário da Performance e do Teatro Contemporâneo*. Pavis aborda o progresso de uma obra teatral a partir das vivências de determinado autor:

[...], o autor fala aí de seus fatos pessoais reais, não inventados, mas inteiramente recompostos, com uma cronologia, de episódios acrescidos, assumindo a responsabilidade por necessidades da narração e da ficção. A autobiografia “pura” é julgada impossível, pois ela tem necessidade da ficção para existir. O eu pertencente ao passado, “por assim dizer”, isto é, exprimindo-se ele próprio e se expondo para os outros, só pode fazê-lo inventando um relato, caindo na ficção (Pavis, 2017, p. 44).

Pavis explicou a diferença entre autoficção e autobiografia, explicando também o caráter específico da autoficção. O que se aproxima da utilização da memória pessoal ao construir *(Diz)calça*. Nesse processo, há também uma grande influência da ficção no desenvolver dos relatos pessoais. Pois, para criar contraponto com as características da personagem, os escritos da minha memória trazidos para a cena sofrem adaptações. O que provocou, na dramaturgia, o afastamento da possibilidade de autobiografia ou de contação de histórias pelo autor, tornando cenicamente vivências e relatos de uma personagem.

Segundo Pavis (2017) durante o desenrolar da construção da obra artística de autoficção, o autor permeia entre três funções, sendo ator, autor e narrador. Essa foi uma descoberta percebida durante o laboratório de estudo dessa pesquisa, onde trilhei os três caminhos e pude notar a importância de cada um deles.

“A autoficção teatral é mais rara, mas não inédita. Ela utilizaria os meios da dramatização, da transposição e da reprise de acontecimentos autobiográficos do autor, elementos reconstituídos tais quais nas ações cênicas [...]” (Pavis, 2017, p. 44).

Além das inspirações acima, outros referenciais me impulsionaram nas escolhas desse projeto, com relação à parte textual. Duas obras que propõem diferentes características na escrita. Uma delas abordou uma montagem teatral por inteiro, descrevendo cada elemento cênico separadamente por capítulos. A outra é um registro continuado de um processo e o dia a dia da montagem.

A obra do grupo Boca de Cena, de Aracaju, um dos principais grupos teatrais atuantes na cena sergipana, onde eles descrevem um dos seus trabalhos, me impulsionou a buscar construir a mesma linha de escrita. No livro *Os cavaleiros da triste figura: um estudo cênico decolonial do Dom Quixote do Bugio*, organizado pelo ator Rogério Alves, escrito por ele e por outros participantes do grupo, eles relatam o espetáculo *Os Cavaleiros da Triste Figura*, a partir do romance de Miguel de Cervantes *Dom Quixote de La Mancha*. Rogério foi produtor e ator do espetáculo e utilizou a própria experiência nesta escrita, definindo esse procedimento de “escrevivência”, termo criado por Conceição Evaristo (Alves, 2011).

Ao conhecer o termo “escrevivência” citado nesta obra do grupo Boca de Cena, me aprofundi na busca do entendimento dessa prática, que junta os termos “escrever” e “vivência”. Maria da Conceição Evaristo de Brito, tem mestrado e doutorado em literatura e é uma participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, segundo Luís Henrique Silva de Oliveira (2009). Ela trouxe a própria vivência para a escrita em busca de demonstrar a realidade de muitas pessoas iguais a ela.

Segundo Oliveira (2009), é perceptível na leitura das suas obras que a ficção e a biografia de Conceição Evaristo caminham juntas, ela constroi “pontes metafóricas” para relatar a sua vida em cada obra, seja em ficção, entrevistas ou textos acadêmicos. “Neste livro de corte tanto biográfico quanto memorialístico, nota-se o que a autora chama de *escrevivência*, ou seja, a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (Oliveira, 2009, n.p).

Assim como Conceição, desenvolvi escritas das minhas memórias e trago para essa obra em busca de não relatar a minha autobiografia, mas sim de contar, cenicamente e através da dramaturgia, a história de pessoas iguais a mim e de determinados grupos que sofrem pela vulnerabilidade das suas condições sociais. No trecho do artigo de Oliveira, ele demonstra como os textos de Conceição Evaristo provocam identificação: “O lugar de enunciação mostra-se solidário e identificado com os menos favorecidos, vale dizer, sobretudo, com o universo das mulheres negras” (Oliveira, 2009, n.p).

Essa abordagem foi aplicada pelo grupo Boca de Cena ao escreverem seu processo de montagem. Em busca de relatar, minuciosamente, todo o processo, os autores dos capítulos dividiram as construções e o desenvolvimento de cada elemento do espetáculo em capítulos, para assim, trazer para o leitor cada parte do processo: a direção, a dramaturgia, a construção do traje, o grupo, a vivência do espetáculo, a criação do cartaz, oficina, preparação corporal e suas apresentações.

Uma das primeiras inspirações a partir desse livro foi a nomeação dos capítulos. Os autores utilizam o nome do espetáculo e do romance em que se inspiram e criam diversas variações. Essa variação me possibilitou uma “saída da curva” presente em meu sumário, utilizando também o nome do experimento cênico em que desenvolvo. A partir de *(Diz)calça*, intitulo então alguns capítulos dessa obra como *Dizeres e memórias* e *Diário descalço*.

O autor fala na introdução sobre sua história e suas características pessoais. Alves (2011) se descreve um homem negro, gay e que vem de uma família de classe média baixa, afirmando as dificuldades vivenciadas dentro dessas condições. Esses apontamentos me fizeram perceber a importância da minha descrição pessoal na introdução, visando a aproximação imediata com o leitor.

Seguindo a mesma proposta do grupo de descrição do processo e da montagem, conto nesse estudo como se deu a construção de todos os elementos do espetáculo *(Diz)calça*, buscando comprovar os sde criação a partir da memória e seus resultados.

Outra obra que me impulsionou ao trazer uma escrita pessoal do autor sobre uma montagem foi o *Diário de montagem do espetáculo A rua da amargura*. O espetáculo do grupo Galpão foi dirigido por Gabriel Villela com assistência de direção de Simone Ordones e dramaturgia de Arildo de Barros. O diário foi escrito por Eduardo Moreira, ator fundador do grupo e seu atual diretor artístico. Por estar presente no elenco da montagem, descreveu com muita intimidade as vivências do processo criativo do espetáculo. Esse estilo de escrita provocou em mim, como leitor, uma aproximação com a obra e com o grupo, principalmente, pela exposição das falhas e perdas acontecidas durante o processo. O texto não esconde de nós a realidade de uma montagem, onde altos e baixos acontecem constantemente. Já no início o autor conta sobre a perda da sua esposa:

Além do trágico acidente com a Wanda, que foi uma perda enorme, não poderemos contar com nosso dramaturgo, Cacá Brandão, que ficará dois anos na Itália, desenvolvendo sua tese de doutorado. É mais outra perda terrível! Diante de todo esse quadro desfavorável, só nos resta como opção montar o próprio texto de Eduardo Garrido que, numa primeira leitura artificial, nos parece a coisa mais incompreensível e difícil de ser falada que já vimos (Moreira, 2014, p. 10).

Como também, expõe os próprios sentimentos ao se sentir desorientado após a apresentação da primeira parte do espetáculo em um dos dias de apresentação. Eduardo se afastou diante do que estava sentindo e, ao encontrar seus parceiros Babaya e Ernani, escuta deles que foi tudo bem (Moreira, 2014,). Percebo uma insegurança sentida pelo ator ao se apresentar e por sua perda recente, sendo essa uma das grandes “fragilidades” que me fizeram se aproximar dele.

Há muitas falas ditas entre os participantes do grupo expostas na escrita que aproximam e fazem o leitor imergir naquilo que lê. Em um momento, Eduardo conta uma reunião tida com o diretor Gabriel Villela, onde transcreve as falas presentes nesse diálogo.

“- A pergunta é: vai fazer ou não vai fazer?”

Digo com convicção que sim, que estou forte para enfrentar tudo. Gabriel realça muito claramente que terá que ser duro comigo. Começo minha mais nova *via crucis*” (Moreira, 2014, p. 11).

Em outro momento, Eduardo fala sobre o que pensa em relação ao diretor, diante de algumas atitudes dele no terceiro dia descrito no diário de bordo: “Creio que Gabriel está um pouco inseguro. Fala muito, tem muitos argumentos, fala da essência do teatro, diz que tem toda a peça desenhada, mas, no fundo, no fundo, tem medo do que possa vir pela frente” (Moreira, 2014, p. 14).

Em sua escrita, há também a descrição detalhada de toda atividade desenvolvida durante a vivência da montagem. Ele expõe cada passo dado cenicamente pelo grupo, o que provoca, no leitor, o conhecimento de um processo gradativo de montagem de uma obra teatral:

Baixou o Exu no anjo Gabriel, e lá fomos nós, passando pela cena de Jesus no Monte das Oliveiras, sua prisão, o confronto com o Sinédrio, a negação de Jesus por Pedro, três vezes antes de o galo cantar, o suicídio de Judas, o encontro de Madalena com os apóstolos, o Ecce Homo, a Rua da Amargura, com seus passos lacrimosos da Paixão, a crucificação, a Pietá, e a ressurreição, com o canto da Lua, de Betânia, e a volta de Romã-romã (Moreira, 2014, p. 23).

Eduardo não esconde da escrita as próprias emoções e estados sentimentais diários. Considerei relevante essa aproximação do autor e ator ao ler sobre o seu dia a dia e seus sentimentos. Ao falar sobre o primeiro ensaio geral, ele contou como estava se sentindo naquele dia e o que fez diante do seu estado emotivo:

Este é o dia que temos pra colocar o trem nos trilhos. Aproveito a manhã para digerir um pouco a solidão. Deixo Rodolfo dormindo no quarto e vou passear pelas ruas do centro do Rio. Vou à livraria do Inacen e vejo um Jornal de Artes Cênicas, com fotos e várias referências ao Romeu e Julieta e a Leonardo da Vinci (incomparável). Exercito um pouco minha alma aristocrática, sonhando com livros de culinária e vinhos. O dramático da história é que fico sonhando com vinhos franceses, mas sou obrigado a comer cheeseburger no hediondo Mc Donald's. Os franceses têm absoluta razão quando dizem que Coca-Cola e hambúrguer destroem o paladar. Triste existência proletarizada! (Moreira, 2014, p. 86).

Essas características da escrita apontadas acima busquei tornar presentes nos meus relatos para tornar o diário dessa montagem pessoal e próximo ao leitor, assim como pretendeu ser o experimento cênico resultado dessa pesquisa. Escrever sobre os momentos ruins, as próprias emoções diante do que está sendo construído e também sobre meu estado emocional

durante o laboratório cênico, proporcionou a essa escrita um maior entendimento de mim mesmo, sendo esse o principal meio de criação.

Figura 14 - Colagem de inspiração



Fonte: recorte feito pelo autor (2024)

Outras referências fundamentais para esse trabalho exponho nesta colagem. Inspiraram a estética, as cenas, os atos da dramaturgia, a cenografia, a maquiagem e o figurino. Selecionei imagens que demonstram as características pertencentes a essas obras e artistas que impulsionaram minha criação.

Inicialmente, destaco a potência artística de Ney Matogrosso, um cantor fora dos padrões, com estética andrógina. Os figurinos de Ney não são pertencentes socialmente a algum gênero feminino e masculino. Não necessariamente precisamos definir um ou mais gêneros através do que vestimos. Vejo em seus trajes muitos elementos que fogem do estereótipo de belo, muitas bijuterias e adereços, tecidos, cores e muita maquiagem. Ney sempre caminhou fora dos estereótipos pensados para um homem artista na sociedade e entendo que este é um ato político.

Ao discorrer sobre cultura andrógina, Wallace Rodrigues descreveu a arte de Ney Matogrosso e seus elementos estéticos:

Indo pelo mesmo caminho e influenciado pelo grupo Dzi Croquettes, o cantor Ney Matogrosso, integrante do grupo Secos & Molhados, também artisticamente ativo a partir do começo da década de 1970, utilizava-se para compor seu personagem artístico os seguintes elementos: pintura facial em preto e branco (tal como uma

máscara), corpo exoticamente exposto, um rebolado provocante, adereços de braços (pulseiras e braceletes) e pescoço, brincos, penas e panos como enfeites de cabeça e uma poderosa voz (Rodrigues, 2017, p. 239).

Figura 15 - Inspiração Ney Matogrosso



Fonte: recorte feito pelo autor (2024)

Alguns desses elementos visuais se tornaram presentes na personagem Bell. O tecido na cabeça, os adereços de braço e pescoço, brincos, corpo exposto e as movimentações provocantes contínuas. Busquei provocar crítica e estranheza das formas no olhar de quem assiste, como também, a dúvida entre a definição de gênero. Esse era também um gás para o trabalho de Ney, afirmou Rodrigues:

Ney Matogrosso nos revela que o “choque” comportamental era uma de suas armas motivacionais, assim como a maquiagem, o penteado, o rebolado e o olhar. Enfim, seu corpo era como um laboratório artístico que o empurrava a cantar, que dava apoio cênico e o mascarava contra os rígidos padrões morais vigentes da cultura dominante (Rodrigues, 2017, p. 240).

Outra obra artística que influenciou o experimento foi o filme *Carandiru*, lançado em 2003, dirigido por Hector Babenco. O filme foi feito a partir do livro *Estação Carandiru*, escrito pelo médico Drauzio Varella, onde abordou suas experiências profissionais dentro da precariedade do sistema carcerário, realizando um trabalho de prevenção à AIDS (Andrade e Gomes, 2012). O filme trata da escassez humana existente dentro desse ambiente marcado pelo esquecimento e abandono do governo. Demonstrou o corpo humano exposto e esquecido socialmente, corpos considerados sem perspectivas de vida.

Um trecho do artigo de Francisco Marcel Vieira Gomes e do Dr. João Tadeu Andrade explica as condições dos encarcerados abordadas no filme.

Uma breve descrição do cenário poderá ilustrar as condições em que estavam sujeitos aqueles homens, na representação criada pelo filme: O Carandiru era uma prisão preparada para comportar cerca de quatro mil presos, mas contava com cerca de sete mil em suas dependências, dividindo o espaço das celas da maneira que desse pra ficar. A sujeira era grande, salvo em momentos de recepção de visitantes e familiares, uma vez por mês, quando era realizada uma grande lavagem do prédio pelos próprios presos. As condições de higiene e privacidade eram muito precárias. Os doentes tinham de dividir o espaço do ambulatório sem nenhuma divisória ou condição de internação para tratamento específico. O lazer se resumia às visitas ao pátio, onde os presos procuravam se ocupar das mais diferentes atividades, como a musculação, a capoeira, a oração, o comércio e outras relações sociais. Alguns poucos possuíam rádios ou pequenos aparelhos de televisão, outros menos ainda tinham um quarto particular. A grande maioria dos presos estava interessada apenas em sobreviver para poder sair um dia e voltar a ter sua liberdade; outros, bastante conscientes de sua condição, não tinham esperança alguma de voltar a viver fora dos muros do Carandiru, onde sabiam que iriam cumprir pena pelo resto de suas vidas. E, caso saíssem, por fuga ou relaxamento da pena, contavam com o dia que retornariam para trás das grades de um presídio (Andrade e Gomes, 2012, p. 6).

As condições são também precárias ao falarmos de uma pessoa que vive sob situação de rua, como é o caso da personagem. As marcas presentes no corpo da pessoa que me abordou em Salvador demonstravam vulnerabilidade e expõem as agressões sofridas diariamente, assim como em *Carandiru*. Outra particularidade do filme é a situação da comunidade LGBTQIAPN+ carcerária, os quais precisam de um pavilhão afastado dos demais para sua própria segurança. Dentro dessa comunidade, a trama aborda as dificuldades do romance de um casal de detentos formado por Lady Di, uma mulher transexual, interpretada por Rodrigo Santoro, e um homem cisgênero chamado Sem chance, interpretado por Gero Camilo.

Em uma das cenas, os personagens se casam dentro da cadeia. Lady Di veste um vestido branco decorado com papéis plásticos. Essa cena provocou em mim a lembrança do desejo presente na minha infância de casar-se. A coragem e a persistência do casal de personagens ao realizar um casamento sob daquelas condições, me fizeram trazer para a personagem Bell o sonho de se casar com um vestido branco, confeccionado pelo público presente no experimento cênico.

Figura 16 – Inspiração Carandiru

Fonte: recorte feito pelo autor (2024)

Não só *Carandiru* impulsionou a construção de movimentos cênicos. Fui tocado pela apresentação de um espetáculo teatral que também me impulsionou criações. Em 31 de Outubro de 2023 estive no Teatro Atheneu em Aracaju para prestigiar a apresentação do espetáculo *Cabaré Coragem* do Grupo Galpão, com direção de Júlio Maciel. Sem sombra de dúvidas, foi uma experiência única.

O espetáculo traz, para o público, a experiência de um cabaré. É perceptível a forte influência da teoria de Bertolt Brecht. O público é levado para os assentos e é recebido pelos personagens em uma ambientação com músicas bregas, vendem cachaça e fotografam os espectadores com imagem polaroid, pagávamos para beber e sermos fotografados. Toda a alegria desse ambiente é trazida no início e no decorrer do espetáculo, onde acontecem apresentações dos personagens com música, dança, malabarismo e contação de piadas. Acontecem momentos que provocam estranhamento no público, ao revelarem a dura realidade vivenciada por essas personagens, provocando reflexão política e crítica social ao capitalismo.

Figura 17 – Inspiração de cenário de Cabaré Coragem



Fonte: recorte feito pelo autor (2024)

Um dos momentos em que revela a realidade é a troca de roupa das personagens em grandes caixas de madeira presentes na cenografia. As caixas possuem uma abertura na parte da frente contendo luzes e uma cortina quase transparente vermelha. Dentro delas há espelhos, objetos e indumentárias das personagens. Na cena, eles entram pelos fundos, abaixam as cortinas numa tentativa de não serem vistos, ligam as luzes e mudam o estado corporal que antes estava alegre exposto para o público e agora se tornam tristes e cansados. A luz cênica revela suas aparências e a cortina não esconde nada, fazendo o público perceber assim a realidade daquelas figuras.

Inspiro-me nessa cena para expor de forma nivelada o corpo da minha personagem. As marcas e feridas não ficarão expostas no início do espetáculo, para que eles vejam nela alegria. Porém, durante a cena de troca de roupa para a apresentação artística de Bell, o público enxerga a realidade do corpo machucado. A cena acontecerá com o tecido em círculo ao redor da personagem, pois haverá público dos dois lados. Para Bell, esse tecido é o local montado por

ela para se trocar diariamente nas ruas e não ser vista, mas a luz do poste expõe seu corpo sem que ela saiba.

Além dos impulsos cênicos que essas obras me deram, houve outras que possibilitaram para mim criações relacionadas ao figurino e sua construção. O filme *A história da eternidade*, obra de Camilo Cavalcante, é também uma das inspirações estéticas desse experimento. João de Mancelos traz uma descrição importante sobre o que é retratado:

É um lugarejo perdido e sem nome, algures no nordeste brasileiro: árido, seco, batido pelo vento e pelo desencanto. Tal espaço é vasto no plano físico, mas implacavelmente claustrofóbico ao nível psicológico. A vila é habitada por gente simples e rude, sem visão de futuro, que procura sobreviver na míngua de bens materiais e reconstruir o afeto (Mancelos, 2020, p. 1).

Os personagens vivem no alto sertão brasileiro, mas esse não é o principal foco do filme, mas sim os sonhos existentes e resistentes em dois personagens, Alfonsina, interpretada por Débora Ingrid, e João, interpretado por Irandhir Santos. O que mais me inspira nessa obra, além da resistência dos personagens na arte e em continuar sonhando, é uma das cenas do filme em que o personagem João se apresenta para Alfonsina. Mancelos descreve:

Num dos momentos mais significativos da narrativa, uma cena onde o génio de Camilo Cavalcante se revela na plenitude, Joãozinho sai para o terreiro, sob o sol escaldante, e coloca na vitrola um disco com a canção “Fala”, na voz de Ney Matogrosso. Para gáudio de Alfonsina, o artista dança e dubla as palavras do célebre compositor e intérprete brasileiro (Mancelos, 2020, p. 2).

Na cena, João veste um traje que remete à uma rede de pesca, enfeitado por diversas coisas coloridas. Esse traje inspirou a construção do figurino intitulado “Zona de expansão” do experimento cênico “(Diz)calça”. A personagem Bell mora na rua e não tem condição financeira de ter um belo traje para se apresentar, por isso, recolhe uma rede velha e a enfeita com fitas, retalhos e bijouterias velhas encontradas na rua.

Figura 18 – Inspiração A História da Eternidade



Fonte: recorte feito pelo autor (2024)

Outro filme que conta sobre a resistência de um corpo negro LGBTQIAPN+ e que me atravessou com muita força foi o filme *Madame Satã* (2002) de Karim Aïnouz. Enquanto estava no laboratório deste experimento, uma das pessoas que assistiu, pensou que eu estava interpretando a personagem Madame Satã, e explicou que as movimentações da minha personagem e o diálogo da cena que ele assistia, eram iguais aos da personagem interpretada por Lázaro Ramos. Nunca havia assistido, mas após essa comparação, fiquei curioso.

O filme conta parte da história de João Francisco dos Santos, mais conhecido como Madame Satã, um travesti e transformista, morador de favela do Rio de Janeiro que se apresentava em um cabaré. Denilson Lopes ao falar sobre o filme, conta sobre a relação dessa história com a realidade de diversos brasileiros:

Madame Satã não é exemplar, nem uma imagem positiva nem negativa. Sua complexidade não é tanto psicológica, mas feita pelo jogo de imagens e pelo corpo, pela superfície da pele. Enfocando o período antes de o protagonista assumir o nome de Madame Satã, o filme realizava para mim um cruzamento rico sobre o que era ser negro, pobre e homossexual, no Brasil [...] (Lopes, 2015, p. 129).

A vulnerabilidade vivenciada por pessoas como Madame Satã é, até hoje, muito alta e continua provocando uma vida cercada pelo medo da violência.

A força do protagonista está em de querer ser livre, homem, mulher, Madame e Satã. Assumir o nome num desfile da Carnaval, no fim do filme, é um gesto de afirmação de uma identidade pela máscara, pelo jogo constante na vida e no palco, longe da folclorização e ridicularização de que foram e são vítimas, homossexuais e travestis,

até hoje, como em programas de auditório na TV, por exemplo, mas sem temer a afetação, a desmunhecação, o camp como formas mesmas de resistência a um padrão bem comportado de gay de classe média, integrado na sociedade conservadora de consumo em que vivemos (Lopes, 2015, p. 129).

Madame Satã resistia se apresentando nos palcos do cabaré, assim como Bell que resiste se apresentando nos palcos da rua. Sua caracterização enquanto se apresenta é repleta de maquiagem forte, muito glitter, adereços corporais em grande quantidade e muita expressividade corporal. Busquei trazer para a apresentação de Bell essas mesmas características.

Figura 19 – Inspiração Madame Satã



Fonte: recorte feito pelo autor (2024)

Pesquisei referências e fui atravessado por outras durante o laboratório de criação, a escrita da dramaturgia e deste memorial. Todas elas foram fundamentais para o desenvolvimento e o enriquecimento teórico, estético e político desse projeto. Algumas obras influenciaram características da personagem, outras a cenografia, a dramaturgia, assim como a escrita e o aprofundamento teórico deste estudo.

5. A DRAMATURGIA (DIZ)CALÇA

ATO 01 - Nada:

(A plateia ao chegar no local indicado no cartaz, é recebida por uma mesa com tomates e flores indicando que pegue sua arma, após isso, é conduzida em direção ao espaço cênico, instruída pela produção para conhecerem o ambiente. No decorrer do caminho, Bell estará deitado coberto por jornais e papelões dormindo. Ao chegar no espaço cênico, o público fica livre para tocar, observar e conhecer todos os objetos, levados a sentirem que estão em um passeio.)

Música de fundo: Cabeleira do Zezé - Banda Gol.

ATO 02 - Contato:

(Bell vai ao encontro do público, ainda ao som da música continuada do ato anterior, e guarda os materiais que utiliza para dormir. Começa a interagir com o público de forma espontânea e improvisada a partir do que recebe. Ela conduz o público para o local ideal para que eles a assistam.)

ATO 03 - Imagem:

(Bell recolhe em seus pertences os materiais de maquiagem, são momentos em que Bell não tem falas marcadas, pois ela reage aos objetos que encontra. A partir daí, ela convida o público para conhecer a sua história contando três relatos de sua vida enquanto faz a sua maquiagem.)

BELL: Vagner, 22 anos, olhos verdes. Um carro celta preto no caminho de casa às 20h38 da noite, Vagner me olha e fala “Oi, como é seu nome?”, me chama pra se aproximar, eu me aproximo, chego lá e ele teve a audácia de acariciar a minha mão. Eu me embolei igual essa fumaça. Ele me levou para o fundo do carro, e eu disse “não, não vai acontecer nada”. E foi ali mesmo. Eu lembro que a única coisa ruim disso tudo foi o meu short, era bonito, xadrez, branco, com listras vermelhas e azuis pequenas, quase apagadas, e sugou de sangue, sujou de sangue, sujou de sangue.

Adivinhem comigo o segundo nome, começa com a letra R. Romário. Esse não teve muita coisa especial. Enquanto eu estava lá falando com a língua do G nele, ele se sentiu à vontade para bater na minha cara. Isso mesmo que vocês ouviram, bater na minha cara. Ele foi audacioso.

Eu não corri, não fugi, não gritei, eu chorei. Mas continuei fazendo o que fui ali para fazer.

(Começa a tocar a música “Eternamente - Gal Costa”)

BELL: Bill foi minha primeira paixão, onde tive meu mais ingênuo desejo. Vocês acreditam que eu queria ser mãe? Fico imaginando como que a criança ia sair pelo meu fundo. Às vezes queria olhar pro meu eu infantil e falar “neurótico”. Pelo menos eu não acreditava em galãs, no mínimo.

Mas voltando ao assunto, foi até lindo o mês que vivi minha paixão de sete anos por Bill. A gente trocou cartas, eu me sentava com minha coxa colada na dele. Ele já estava com uma calça jeans rasgada, e eu fazia carinho na pele dele, na parte onde estava rasgada. Pobre “Bell”, nem imaginava que estaria ali se deparando com o meu destino, o sigilo, o secreto, o “às vezes”.

ATO 04 - Belo sonho:

(Ao terminar de se maquiar e contar alguns relatos, o último deles faz Bell lembrar do seu sonho de se casar. Ela recolhe o vestido dos sonhos guardado em uma de suas bolsas e propõe ao público que lhe ajude a decorar o vestido. Ela sugere que, para ser surpreendida pela decoração do público, ela brinque de se esconder como em sua infância. Sendo assim, Bell entrega as decorações e o vestido para uma das pessoas do público aleatoriamente, se esconde e volta para ver o resultado. Ela repete esse processo por três vezes seguidas.)

ATO 05 - Esconde Esconde;

(Durante a última vez em que Bell se esconde, uma lembrança vem à tona. Ela volta para a rua totalmente diferente de como havia se apresentado ao público, quieta, silenciosa. E, em seu semblante, há uma expressão de nojo. Ela conta a lembrança que teve para a plateia.)

Música: Viagem Passageira - Gal Costa

BELL: Vocês já sentiram que alguém roubou a sua alegria? Já sentiu que algo se apagou?

Eu costumava sempre brincar de esconde esconde, havia sempre uma safadeza por detrás da brincadeira. Mas era entre a alegria dos amigos, era só pelo momento.

Nesse dia, estava brincando na casa dos meus amigos. Eles eram irmãos e estavam felizes. Quando fui me esconder, ele me convidou para me esconder em um local melhor, onde ninguém poderia ver. Era mais escuro, mais silencioso, o local ideal. Agarrou-me pelas costas e me garantiu segurança. Mandou que eu olhasse se alguém estava vindo, aliás, o objetivo era não ser encontrado. Quando comecei a sentir.

(Bell faz movimentações de uma masturbação em sua bunda cada vez mais forte enquanto olha para o público, mostrando como aconteceu em sua lembrança.)

BELL: Comecei a me sentir suja, suja como nunca tinha me sentido antes. A bunda suja. Sem gritar e sem falar nada eu só saí dali suja. Eu não podia acabar com a tristeza dos meus amigos, eu não podia jamais ser o motivo da tristeza de alguém. Imagina se eles descobrem que o pai deles estava brincando comigo. Não, não, não.

ATO 06 - Exposta:

(Bell começa a sentir que está deixando o público triste, e isso jamais poderia acontecer. Ela então anuncia sua apresentação e vai se trocar.

Ao fundo da cena, inicia a música “Rosa de Hiroshima - Ney Matogrosso”.

Bell abre o pano onde se troca para sua apresentação. Dentro dele há uma luz iluminando seu corpo que faz o público ver de fora as suas marcas. Tira sua roupa, veste toda a indumentária que usa para se apresentar.

Após ter se trocado, Bell pede para o público que joguem a arma que ela merece receber após sua apresentação.)

ATO 07 - Zona de expansão:

(Bell coloca a música “Sangue latino - Ney matogrosso” pra tocar em seu rádio velho. Ela tira a cadeira do palco e faz uma performance cantando e dançando a música para o público.)

ATO 08 - Falta:

(Ao receber ou não do público as maçãs e rosas que foram entregues no início do experimento, Bell reage.)

BELL: “É correto afirmar o que o outro quer ou não receber? É correto deixar de dar? É correto jogar aquilo que é preciso? O que é que é preciso? O que é que é necessário?

(Bell recolhe as flores do chão que foram jogadas, se forem jogadas. Beija, acaricia, arranca as pétalas, e se machuca com os espinhos enquanto fala.)

BELL: A rosa é uma das coisas mais lindas que existem, traz pureza, traz beleza, traz cheiro. Mas quando não é colocada no local certo, as coisas morrem. O cheiro, a beleza, as relações, o amor. A rosa com espinhos que espinham.

Jogue a toda para mim, mas veja como ela chegará. Serão pétalas a tocar o meu corpo? Serão espinhos a borrar minha maquiagem?

Jogue o que você tem pra jogar, aquilo que não te dá dúvida. Me dê o que eu preciso.

(Com expressões e movimentos de fome, Bell recolhe os tomates que foram jogados, se forem jogados. Ela morde, mastiga, come e cospe enquanto fala.)

BELL: Concluimos então que eu preciso do tomate. Aquele que me sacia, sacia a minha fome, aquele que enche o meu estômago.

Será?

E se o saciado nunca saciar? E se a falta do amor da rosa não jogada abrisse um buraco muito maior?

Um dia eu ouvi dizer que a fome é mais urgente que tudo. Esse com certeza estava de barriga vazia. Agora pergunta pra quem tem um buraco insaciável o que é mais urgente que tudo. Esse, com certeza, lembraria de algo, de um cheiro, de um momento, de alguém. Esse lembraria do amor.”

ATO 09 - O amor e o sonho:

(Após falar sobre fome e necessidade, Bell lembra do amor e começa a refletir sobre o que é o amor, e a contar a trajetória de alguém amando. Ela utiliza um pano para suas movimentações.)

BELL: Como é brincar de amar? Como é ser amado? Qual sua melhor experiência com o amor?

Há quem diga que se pode amar de diversas maneiras, que amores são diferentes. Há quem diga que o amor é um só, uma única vez. Há quem diga que são várias vezes, há quem diga que é infinito. Há quem diga que o amor é necessário, há quem não o queira perto. Há quem vive por conta do amor, há quem morreu por conta dele. Há quem diga que o amor acaba, há quem não diga nada.

Uma pessoa vem pura e aí conhece o primeiro amor, e aí se entrega por inteiro. Daí esse amor machuca ela, e então ela fica com medo, mas vai pro segundo amor ainda com esperança. Chegando lá ela se entrega e aí esse amor machuca. Depois ela vai pro outro amor com mais medo, quase não indo, mas vai. Ela se entrega e esse amor machuca. Dessa vez ela já vai de costas porque já não quer mais amar, ela só vai. Eu acho que é isso que acontece com quase todo mundo.

(Por falar sobre amor, Bell recolhe o símbolo de amor mais verdadeiro que possui, o vestido de noiva. Ela estende sobre o público e provoca o pensamento deles. Pede para que o público feche os olhos, lembre de um amor pessoal. Ela entrega outras decorações para algumas pessoas e pede para que eles colocassem em seu vestido pensando em seus amores, expressando o sentimento que esse amor se tornou. Ela quer que o amor do público una-se ao dela.)

ATO 10 - Sonho:

(Bell recolhe o vestido, pede auxílio do público para vestir e os convida para vivenciar o sonho junto a ela.)

BELL: Meu sonho está acontecendo da maneira que eu queria. Vestido com véu branco, idealizando a minha mãe ao meu lado, o pôr do sol.

Minha mãe do meu lado, uma música de fundo, uma feliz, com a voz de Mari, minha doce amiga cantora. Tenho certeza que ela ia cantar sorrindo quando me visse entrando. Vocês me ajudam a cantar?

Bora no três, dois, um. Agora tem que ser doce, igual Mari. Três, dois, um. Vamos, doce, leve, sorrindo, igual um poema.

Não é verdade, não é? Nem vai ser.

ATO 11 - Tudo:

(Bell olha para o lado e não vê a sua mãe, ela se dá conta de que o sonho não estava completo. Recolhe imagens de sua mãe e sua avó que estão espalhadas no cenário e fala sobre elas.

Ao fundo, toca o instrumental da música “O mundo é um moinho - Gal Costa”.)

BELL: A casa é sinônimo de conforto, de doação, de pertencimento. Se sentir parte de um lugar ou alguém. Já tive diversas casas que construí em meu coração ao encontrar pessoas que amei. Algumas pessoas constroem e cuidam da casa, outras destroem.

Por falar em casa, lembro da minha principal e mais firme. Meu melhor lado, a mais bela história que eu poderia contar, a mais pura e singela verdade que tenho.

O amor tem a beleza da entrega, de se doar para alguém com a alegria do cuidado com o outro. Amar sem precisar dizer que ama, mas dizendo constantemente na atitude do fazer. Acolher e abraçar muito mais do que o braço pode ir, mas colocando o corpo inteiro pra chegar

Entre um local de muitos traumas e desconfortos, de medo, solidão e distância, fui alimentado de amor pelas duas mulheres mais ricas que já conheci. Sem muito dinheiro para me dar, mas cheias de uma riqueza interior que será válida para minha vida inteira. Um amor passado de geração em geração e sou nutrido por essa ternura. De minha avó para minha mãe, de minha mãe para mim. Três gerações de amor com entrega, sinto orgulho de espalhar minha história em cada pessoa que encontro.

ATO 12 - Nada:

(Bell volta para o centro do palco e olha o público por um tempo parada.)

BELL: Vocês não me conhecem, não sabem quem eu sou de verdade ou se sou alguém. Meu nome é Bell Apartida, Bell que vem de Bela. Meu nome dividindo pode ficar “bela partida”, como a beleza que acaba. Pode ficar “bell a partida”, como a pessoa que foi machucada. Ou também pode ser “bell a part ida”, como aquilo que se foi.

Essa é minha hora de ir, tenho que me apresentar amanhã para um outro público. Já é tarde para que vocês me conheçam.

(De fundo, toca a música “Balada de Gisberta - Maria Bethânia”. Bell se desmonta de toda a beleza que construiu durante a apresentação. Tira do seu corpo o vestido, as bijuterias, limpa a maquiagem do seu rosto. Veste novamente a camisa que estava vestida no início. Ela recolhe as bolsas, o seu material da noite, e volta a dormir no mesmo lugar onde sempre dorme.)

ÚLTIMOS DIZERES

Dizer o que nunca foi dito
dizer aquilo que está guardado
dizer o que está dentro
dizer de dentro pra fora
dizer aquilo que lembro
dizer o que não me lembro mais
digo o que sinto?
ou sinto então o que digo?
Queria dizer pra todos, tudo o que aquele encontro me disse
e não são os encontros da vida que nos dão palavras para dizer?
a roupa, as palavras, a camisa, o traje, o sapato, a voz
a calça
diz menos que o meu corpo e o meu olhar
à toda arte do dizer
ouse escutar
escutar a si
escutar o outro
memória é história
presente é encontro
é preciso estar descalço para sentir a rua, mesmo sendo ela que machuque a pele,
é também nessa que os pés caminham para a arte
Conhecido
Desconhecido
Anônima
ninguém mais
ninguém menos
Bell Apartida
Bela partida
a beleza que se rasgou
Bell a partida
o que se partiu
Bell a parte ida

aquela que se foi
e não acaba aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rogério. **Os cavaleiros da triste figura**: Um estudo cênico descolonial do Dom Quixote do Bugio / Rogério Alves. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2021.

GOMES, Beatriz Fernanda Coelho. **Um Fenômeno de Mídia**: a trajetória do ator Paulo Gustavo a partir da personagem Dona Hermínia. Niterói. 2018. 86 f. TCC (Graduação, Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3CNXgxs>. Acesso em: 12 mar. 2024.

GOMES, Francisco Marcel Vieira; ANDRADE, João Tadeu. **O Drama da Condição (Des) Humana**: Uma trajetória de pesquisa no filme Carandiru. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte – Palmas - TO – 17 a 19/05/2012.

FILHO, Mamede. **A brasileira que virou símbolo LGBT e cujo assassinato virou novas leis em Portugal**. Lisboa, BBC News Brasil, 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160218_brasileira_lgbt_portugal_mf.amp. Acesso em 15 mar. 2024.

LOPES, Denílson. Madame Satã. In: MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus (Ed.). **New queer cinema**: cinema, sexualidade e política. Catálogo da mostra distribuído em São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Curitiba e Salvador, 2015. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=madame+satã+filme&oq=madame+satã#d=gs_qabs&t=1711213367785&u=%23p%3DXQiDHLc2xQcJ. Acesso em: 21 mar. 2024.

MANCELOS, João de. **“O mar do Sertão tem ondas de eternidade”**. A história da eternidade: Roteiro original do filme. Org. Camilo Cavalcante. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 2020. 20-23. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10335/1/o-mar-do-sertao-tem-ondas-de-eternidade.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MOREIRA, Eduardo da Luz. **Grupo Galpão: Diário de montagem**, v.2 - Rua da Amargura. Belo Horizonte: Edições CPMT, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **"Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Revista Estudos Feministas [online]. 2009, v. 17, n. 2, pp. 621-623. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>>. Epub 07 Dez 2009. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200019>. Acesso em: 31 mar. 2024.

PAVIS, Patrice. **Dicionário da performance e do teatro contemporâneo**. Tradução: Jacó Guinsburg, Marcio Honório de Godoy, Adriano C. A. e Sousa. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RODRIGUES, Wallace. **A cultura andrógina no Brasil do final do século XX**: Dzi Croquettes, Ney Matogrosso e Laura de Vison. Revista Gênero. Niterói, v.17, n.2, 1. sem. 2017,

pág. 233 – 247. Disponível em:
 <<http://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31269/18358>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

VENÂNCIO, Beatriz Pinto. **Pequenos espetáculos da memória:** registro cênico-dramatúrgico de uma trupe de mulheres idosas. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

FILMOGRAFIA

AÏNOUZ, Karim. **Madame Satã.** Videofilmes, Rio de Janeiro, 2002; 1h45min.

BABENCO, Hector. **Carandiru.** Soni Pictures/Globo Filmes, 2003; 2h26min.

CAVALCANTE, Camilo. **A história da eternidade.** Aurora Cinema; República Pureza, 2014; 2h01min.